

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO – UPF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

SILVANA APARECIDA CALEGARI

UM ESTUDO ENUNCIATIVO DA PALAVRA *ASSIM*
EM TEXTOS PUBLICITÁRIOS

Passo Fundo, RS

2010

SILVANA APARECIDA CALEGARI

**UM ESTUDO ENUNCIATIVO DA PALAVRA “ASSIM”
EM TEXTOS PUBLICITÁRIOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade de Passo Fundo – UPF, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Claudia Stumpf Toldo.

Passo Fundo, RS

2010

Catálogo na Fonte

C148e Calegari, Silvana Aparecida
Um estudo enunciativo da palavra 'assim' em textos
publicitários / Silvana Aparecida Calegari. – Passo Fundo :
UPF, 2010.
79 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Passo Fundo. -
Curso de Pós Graduação em Letras mestrado em estudos
linguísticos, 2010

1. Língua-Discurso 2. Enunciação 3. Construção de
sentido II. Título.

CDU: 81'42

Responsável pela catalogação:
Bibliotecária – Fernanda Ribeiro Paz CRB 10 / 1720

AGRADECIMENTO

A Deus, pela saúde e força.

À minha família, pela paciência e compreensão.

À minha orientadora, pelas incansáveis leituras e releituras.

Aos meus filhos, em especial.

Ao meu marido, pela dedicação e credibilidade.

Aos meus colegas, pelo incentivo.

À banca avaliadora, pelas intervenções elucidativas neste trabalho.

Quando um rio corta, corta-se de vez, o discurso-rio de água que ela fazia; cortado, a água se quebra em pedaços, em poços de água, em água parálitica.

Em situação de poço, a água equivale a uma palavra em situação dicionária; isolada, estanque no poço dela mesma, e porque assim estanque, estancada; e mais: porque assim estancada, muda, e muda porque com nenhuma comunica, porque cortou-se a sintaxe desse rio, o fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio, chega raramente a se reatar de vez; um rio precisa de muito fio de água para refazer o fio antigo que o fez.

Salvo a grandiloquência de uma cheia lhe impondo interina outra linguagem, um rio precisa de muita água em fios para que todos os poços se enframem: se reatando, de um para outro poço, em frases curtas, então frase e frase, até a sentença-rio do discurso único em que se tem voz a seca ele combate.

“Rios sem discurso”
João Cabral de Melo Neto

RESUMO

No presente trabalho, aborda-se a relação entre enunciação e gramática, através de um estudo semântico-enunciativo da palavra *assim* em textos publicitários. A partir das definições dadas, na gramática tradicional frase contém uma totalidade semântica própria e na gramática normativa estabelece-se a relação ao uso. Busca-se através da observação sobre o efeito de sentido construído pela palavra *assim* em textos publicitários. Tendo como referência a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, que aponta em seus estudos uma dupla sintaxe: sintaxe da língua e sintaxe da enunciação; língua enquanto sistema de signos (comunicação-discurso) e língua enquanto comunicação intersubjetiva (língua-discurso). A dupla consideração de sentido depende de uma unidade intermediária entre língua e língua-discurso (signo-palavra). Para estudar os sentidos da palavra *assim*, dando destaque à língua em funcionamento, sob a perspectiva enunciativa, parte-se de um corpus constituído de sete textos publicitários extraídos das revistas *Nova Escola*, *Isto é* e *Veja* no período de 2008/2009.

Palavras-chave: Enunciação, língua-discurso, construção de sentido.

ABSTRACT

This study emphasizes the relation between enunciation and grammar, through a semantic – enunciate study of the word *so* in advertising texts. From the definitions found in the traditional and the normative grammars on, it is noticed a relation between both grammars about the word *so* and its use, through the observation about the effect of the sense built in advertising portuguese texts. Therefore, the main objective of this study is to find an explanation, having as theoretical reference the “Enunciation’s Theory”, written by Émile Benveniste, who verified that the study of the language depends of a double syntax: the language syntax and the enunciation syntax; a language as a sign system and language as intersubjective communication (language – speech). It is found out that the double consideration of the sense depends of an intermediate unit between the language and the language – speech (sign – word). In order to study the sense of the word *so*, it is necessary a *corpus* of advertising texts taken from magazines like *Nova Escola*, *Isto é* and *Veja* from 2008/2009, in which it was noticed the presence of the word *so*. After seven enunciation analyses of the word, it was constituted the sense relation in each enunciation, through the syntax enunciation.

Keywords: Enunciation, language – speech, sense construction.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 LÍNGUA: questões formais	11
1.1 A Gramática Tradicional, a Normativa e a de Usos	11
1.2 O <i>Assim</i> na Gramática	15
1.2.1 O <i>Assim</i> em Rocha Lima	15
1.2.2 O <i>Assim</i> em Bechara.....	15
1.2.3 O <i>Assim</i> em Moura Neves	17
2 LÍNGUA E ENUNCIÇÃO	21
2.1 Enunciação em Benveniste	21
2.2 Níveis de Análise Linguística	27
2.3 O Aparelho Formal da Enunciação.....	30
2.4 A Noção de Pessoa, Espaço e Tempo	31
2.4.1 A noção pessoa <i>eu-tu</i>	31
2.4.2 A Noção Espaço-Tempo – <i>aqui/agora</i>	32
2.4.3 A noção não-pessoa	34
2.5 A Análise da Língua a partir das Relações Sintáticas (formas e uso)	35
2.6 Sintaxe da Enunciação em Benveniste – Princípios para um estudo enunciativo ..	36
2.7 A Forma e o Sentido na Linguagem	39
2.8 Transposição - Sistema - Forma e Sentido	40
3 TEXTO PUBLICITÁRIO: um pouco de história.....	43
3.1 Texto Publicitário: características.....	45
4 ESTUDO ENUNCIATIVO DA PALAVRA <i>ASSIM</i>	49
4.1 Metodologia de Análise	50
4.1.1 Metodologia	50
4.1.2 Análises	52
5 DISCUSSÃO DA ANÁLISE.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS.....	78
ANEXOS	80

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe-se a estudar o aspecto semântico-enunciativo da palavra *assim*. Da observação do uso de *assim*, será estabelecida uma análise a partir do que dizem e apresentam as gramáticas tradicionais do português, sobre esta entidade lexical. Estuda-se, então, este lexema, sob a perspectiva da teoria da Enunciação elaborada pelo linguista francês Émile Benveniste.

A partir do século XX, com a divulgação dos trabalhos de Ferdinand Saussure, a linguística passa a ser reconhecida como estudo científico. O caráter científico dos novos estudos linguísticos passa a centrar-se na observação dos fatos de linguagem. Em decorrência dessas pesquisas, encontram-se diferentes definições para “linguagem e língua”. Apresentam-se, pois, na sequência, as definições de Saussure e Benveniste referentes à linguagem e língua.

O termo “linguagem” é bastante amplo, pois compreende as diferentes manifestações - linguagem verbal, não-verbal etc. Convém pontuar, no entanto, que a Linguística detém-se na investigação científica da linguagem verbal humana, ou seja, debruça-se ao estudo do signo linguístico. Ao observar a língua em uso, o linguista procura descrever e explicar os fatos linguísticos, sem deter-se a moldes preestabelecidos.

Com essa visão, estudar a linguagem a partir do prisma da Teoria da Enunciação é estudá-la do ponto de vista do sentido, pois cada vez que o locutor emprega palavras elas têm um *sentido* particular. Para dar conta dessa investigação, faz-se uso da Teoria da Enunciação, desenvolvida por Émile Benveniste, em Problemas de Linguística Geral I e II (1989-1991), no artigo *os níveis da análise linguística*, no qual considera que o sentido de uma frase é sua ideia, enquanto o sentido de uma palavra é seu emprego.

De acordo com Flores *et al.* (2009) *língua* é o sistema que inter-relaciona valor distintivo das formas e valor referencial relativo à situação enunciativa. *Linguagem* é a condição do homem que nela está sob a forma da intersubjetividade. Portanto, a *enunciação* é o ato de tornar fala a língua através de um ato individual de utilização. A partir das constatações que, na visão da gramática tradicional, é a frase que estabelece o sentido das palavras, e numa perspectiva enunciativa o uso é a referência, será desenvolvida uma investigação com relação aos efeitos de sentido da palavra *assim*. Busca-se observar e analisar o uso da palavra *assim* em textos publicitários.

O presente estudo traz uma pesquisa bibliográfica e análises de dados que parte de textos publicitários das revistas Nova Escola, Isto É e Veja, publicadas no período de

2008/2009. A fim de que se possa realizar um estudo enunciativo da palavra *assim*, em gênero publicidade. Retomam-se os aspectos teóricos que embasam este trabalho, já apresentados no capítulo 1, 2 e 3. Sabe-se que tratar de enunciação é entender que a língua é posta em funcionamento por *um ato individual de utilização*. Através da análise, busca-se, de forma especial, atender aos objetivos específicos, quais sejam, observar e analisar a questão referente à construção de sentido da palavra *assim* no enunciado, em publicidades, a partir da relação entre a teoria enunciativa apresentada no texto publicitário.

O texto divide-se em quatro capítulos, que tem como objetivo conduzir o leitor a uma reflexão sobre língua, gramática, teoria da enunciação até chegarmos a análise de fato. A análise segue enfoque da gramática tradicional, da gramática funcional e sob a perspectiva enunciativa. Feito um paralelo entre as diferentes abordagens para verificarmos no que se aproximam e no que se diferem.

Para dar conta do propósito deste estudo, apresentam-se os três primeiros capítulos desta dissertação, intitulados, respectivamente: “Língua: Questões Formais”, “Língua e Enunciação” e “Texto Publicitário”. No quarto capítulo, já sedimentada a base teórica, analisa-se o uso da palavra *assim* em textos publicitários extraídos das revistas citadas anteriormente.

Apresentada a proposta desta discussão, explicita-se a organização dos capítulos. Primeiramente, trata-se da questão gramatical através de um apanhado de conceitos referentes à palavra *assim*. Pontua-se sobre o uso da língua sob o viés da gramática tradicional¹ (linha clássica), da gramática normativa² (normas linguísticas) e gramática funcional³ (uso). Discute-se como essas perspectivas gramaticais tratam a palavra em estudo.

No segundo capítulo, trata-se da perspectiva enunciativa em relação as gramáticas citadas. Entende-se que o ponto de partida é o da língua em uso e depara-se com o princípio que o sentido requer uma sintaxe. A leitura da Teoria da Enunciação conduz ao seguinte princípio “língua, língua-discurso” – processo de apropriação e atualização de signos linguísticos para a atribuição de referência à atitude do sujeito e à situação enunciativa.

A partir do termo *atribuição de referência*, pressupõe-se uma relação com o mundo constituída pelo locutor e esta relação se dá em determinadas condições como: quem usa a língua é dono de seu dizer e é através do ato enunciativo que seu mundo passa a existir. Com

¹ As gramáticas tradicionais continuam a transmitir que a frase contém uma totalidade semântica própria.

² A *gramática normativa*, por sua vez, refere-se à gramática como uma disciplina, por excelência, que tem por finalidade codificar o “uso idiomático”, por classificação e sistematização, as normas.

³ A gramática de usos, por sua vez, apresenta uma perspectiva que coloca como foco de observação a construção do sentido, bem como busca desvendar o cumprimento das funções da linguagem.

isso, a situação de discurso, definidora de referência, é constituída pela relação locutor, alocutário, concomitantemente ao tempo e ao espaço de sua enunciação.

Um ato enunciativo materializa-se pela tomada da palavra. Uma vez que o pronome “eu” tem um significado diferente, uma significação singular. A referência, tanto de uma palavra quanto de uma frase ou um texto, é definida pela situação de discurso que envolve a interpretação realizada a cada instância de discurso contendo um locutor. Daí o termo atribuição de referência.

A *atribuição de referência* perpassa todo o processo da enunciação, não se restringindo às marcas identificáveis no enunciado, mas à própria utilização da língua: sintagmatização e semantização. Buscam-se, então, esclarecimentos nos estudos de Benveniste agrupados em *Problemas de Linguística Geral I e Problemas de Linguística Geral II*, nesse referencial, observa-se que o linguista trata de uma rede de relações – inter-relações ao descrever os fatos de língua: trata de associações de conexões e também de sintaxe.

Ao referir *sintaxe da enunciação*, em Flores (2008) cita a relação ao sentido, identificado na perspectiva da língua em uso, a palavra no *enunciado*, em convívio com outras palavras, apresentando um sentido compatível com a ideia expressa. Assim sendo, para que se diga *Linguística da Enunciação*, projeta-se o seguinte caminho: faz-se, primeiramente, referência à noção de *intersubjetividade* em relação às *noções de forma e sentido*. Para isso, tem-se como principal suporte para essa discussão os textos *Os níveis da análise linguística e O Aparelho formal da enunciação*.

O presente trabalho contempla a referência ao sentido da palavra *assim*, em análise enunciativa de textos publicitários, especificamente o gênero textual *publicidade*. Por isso, no terceiro capítulo, faz-se necessário tratar das características do texto publicitário enquanto gênero discursivo. No último capítulo, trata-se do objeto de análise, o uso da palavra *assim* no enunciado.

O *corpus* deste trabalho constitui-se de sete textos apresentados em propagandas publicadas nas revistas *Nova Escola* e *Isto é*. Primeiramente, serão analisados os enunciados da revista *Nova Escola* e, após, os enunciados da revista *Isto é*, no período 2008-2009. Optou-se por este gênero devido a estrutura, forma, e ainda por ser pouco explorado em escolas.

Tendo como base o campo teórico da Linguística da Enunciação desenvolvido por Émile Benveniste constituiu-se o objeto de estudo: a construção de sentido da palavra *assim* em textos publicitários. É o contexto discursivo que atribui significações à palavra *assim*. É essa perspectiva que norteará essa discussão.

1 LÍNGUA: questões formais

A trajetória dos estudos linguísticos reflete as diferentes perspectivas tomadas pelos pesquisadores para apropriarem-se da língua como objeto de estudo. Ora vista como forma, estrutura, ora considerada como meio de interação social. Esses diferentes olhares deram origem a diferentes teorias e abordagens nos estudos gramaticais.

Os estudos linguísticos centraram-se na forma da língua, no conceito dos fatos linguísticos e nas normas da língua. Nesse contexto, emergem os estudos voltados à Gramática, numa perspectiva que emoldurava a língua e moldava-a de acordo com um padrão, um modelo linguístico que devia ser seguido. Ao longo dos anos, em especial, a partir de meados e fins do século passado, esse panorama começa a se modificar.

A fim de evidenciar essas perspectivas, apresenta-se a visão dos gramáticos que serão citados no estudo: Rocha Lima (2000), Evanildo Bechara (2004) e Maria Helena de Moura Neves (2004). Essa escolha possibilita perceber como as respectivas gramáticas (normativa, tradicional e de usos) apresentam a palavra *assim* e também confrontar as diferentes abordagens.

De acordo com Dubois *et al.* (2003), a gramática geral tem por objeto enunciar certos princípios (universais) a que obedecem todas as línguas, e das quais se deduzem as regras particulares de cada língua. Essa obra serviu de base à formação gramatical, por dois séculos. A partir daí, surgem várias acepções para o termo *gramática* conforme as teorias linguísticas. Explicita-se o que é gramática tradicional, normativa e de usos a fim de que se compreendam esses diferentes olhares sobre a construção de sentido da palavra *assim* em textos publicitários.

1.1 A Gramática Tradicional, a Normativa e a de Usos

Apresentam-se, neste espaço, três abordagens diferenciadas para os estudos gramaticais realizados no Brasil: a gramática tradicional, normativa e a de usos ou funcional. Em cada uma emergem diferentes nuances no tratamento dado à língua, uma vez que as duas primeiras consideram a língua enquanto código e a última leva em conta os aspectos interacionais, o uso.

As gramáticas tradicionais continuam a transmitir que a frase contém uma totalidade semântica própria, que dispensa uma análise mais ampla do contexto em que surgem, ou seja,

frase é um enunciado de sentido completo, a unidade mínima de comunicação. De acordo com Fiorin (2007) a gramática tradicional assumiu desde sua origem um ponto de vista prescritivo, normativo em relação à língua.

A esse respeito é significativo lembrar que a primeira descrição linguística de que se tem notícia, a do sânscrito, foi feita pelo gramático hindu Panini (século IV a.C). Seu propósito foi assegurar a conservação literal dos textos sagrados e a pronúncia correta das preces. Outras gramáticas antigas, como as do árabe, grego e latim, também eram prescritivos e pedagógicos; almejavam descrever a língua cuidadosamente, mas também prescreviam o uso correto. A tradição normativa serve de modelo, ainda hoje, a todos os países independentes onde há a preocupação em desenvolver e fortalecer a língua padrão. Ela fornece argumentos para se acreditar que existe uma única maneira correta de usar a língua.

Um dos principais estudiosos da gramática tradicional, no Brasil, atualmente, é o linguista Evanildo Bechara. Essa é uma disciplina que registra e descreve um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfossintático e lexical). No prefácio apresentado em *Moderna Gramática Portuguesa*, Bechara (2006, p. 21) argumenta que “não se rompe de vez com uma tradição secular: isto explica por que esta *Moderna Gramática* traz uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico”. Daí percebe-se a orientação científica que norteará a referida gramática, que tem a preocupação de dar um novo tratamento para muitos assuntos importantes que não poderiam continuar a ser encarados pelos prismas que a tradição apresentava.

A *gramática normativa* em Rocha Lima (2000), por sua vez, refere-se à gramática como uma disciplina, por excelência, que tem por finalidade codificar o “uso idiomático”, dele induzindo, por classificação e sistematização, as normas que, em determinada época, representam o ideal da expressão correta. Segundo Rocha Lima (2000, p.8).

A gramática normativa apresenta três partes: fonética e fonologia; morfologia e sintaxe. Fonética e Fonologia: estudo das formas e sua combinação, e dos caracteres prosódicos da fala, como o acento e a entonação. Morfologia: estudo das formas, sua estrutura e classificação. Sintaxe: estudo da construção da frase.

Em Bechara (2006), a gramática normativa não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica. A ela cabe elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática, para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social. A gramática tradicional, por sua vez, é uma disciplina seguidora dos modelos clássicos.

Jean Dubois *et al.* (2003), explica que a gramática normativa se baseia na distinção de níveis da língua (língua culta, língua popular etc.) e, entre esses níveis, define um como língua de prestígio a ser imitado. O linguista chama atenção para o fato de que nessa diferenciação incidem razões não de ordem linguística, mas de ordem sociocultural, já que a língua escolhida como norma é aquela que goza de prestígio social.

Outro aspecto tomado em consideração pela gramática normativa é a imitação de “bons autores”. Segundo Dubois *et al.* (2003), isso se dá por razões estilísticas.

A gramática de usos, por sua vez, apresenta uma perspectiva que coloca como foco de observação a construção do sentido. De acordo com Neves (2006, p.15), “o uso da linguagem e a produção textual se fazem através de interação”, levando em consideração o uso das expressões linguísticas na interação verbal. Inclui na análise da estrutura gramatical toda a situação comunicativa: o propósito do evento da fala, os participantes e o contexto discursivo.

Daí a emergente Gramática Funcional Discursiva, a qual vê a linguagem através da noção de “função”, não apenas como entidade sintática, mas como a união estrutural (sistêmico) com o funcional da língua. As estruturas linguísticas são configurações de funções, e as diferentes funções são os diferentes modos de significação do enunciado que conduzem à eficiência da comunicação entre os usuários de uma língua. Nessa concepção, conforme afirma Halliday (1973), em Neves (1997, p. 8), a noção de função não se refere “aos papéis que desempenham as classes de palavras dentro da estrutura das unidades maiores, mas o papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos”. Assim, pode-se perceber que a gramática funcional tem sempre em consideração o uso das expressões linguísticas numa perspectiva interacional da língua.

Essa organização tem como unidade básica do discurso o ato discursivo e não a frase. Segundo Hengeveld (2000), o modelo destaca-se da gramática Funcional de Dik por começar com a codificação da intenção do falante e, a partir daí, operar de cima para baixo, até a articulação, que é o componente de saída (*output*) da gramática. Ainda consideram-se as funções como parte das várias estratégias de estruturação: as funções pragmáticas são partes das estruturas (*frames*) interpessoais, as funções semânticas são incluídas nas estruturas (*frames*) representacionais, e as funções sintáticas, nas línguas em que têm relevância, são parte das estruturas morfossintáticas frasais.

Esse modelo apresenta uma expansão da gramática da frase para uma gramática do discurso, o que se justifica por duas razões principais. Primeiro, por existirem muitos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados em termos de unidades maiores do que a frase individual, como partículas discursivas, cadeias anafóricas, formas de verbos da

narrativa, e muitos outros aspectos da gramática que requerem uma análise que tome um contexto linguístico mais amplo em consideração. Segundo, por existirem muitas expressões linguísticas que são menores do que as frases individuais, embora funcionem como enunciados completos e independentes dentro do discurso (HENGEVELD, 2000). Considerando esses conceitos, a real unidade em função é o texto, e o que está colocado em exame é a construção de sentido.

De acordo com Halliday, em Neves (2006), particularmente, no que se refere à função, é importante ver como o papel da linguagem é desempenhado na vida dos indivíduos, servindo aos muitos e variados tipos universais de demanda. Para o teórico, o enunciado não parte de uma estrutura profunda abstrata, mas das escolhas que o falante faz quando o compõe para um propósito específico, com elas produzindo significado, interpretando a língua como uma rede de relações na qual as estruturas são as realizações dessas relações.

No que se refere à gramaticalização, Neves (2006) explica que a gramática de usos reflete a relação entre o sistema gramatical e o funcionamento discursivo; ou seja, se explica pela interação entre as motivações internas ao sistema e as motivações externas a ele. Vale ressaltar que, sob o olhar funcionalista, a sintaxe aparece como uma via de duas mãos a ligar o discurso e a gramática. As propriedades sintáticas como sujeito, voz, orações, morfologia, etc. nascem das propriedades do discurso. Portanto, o “discurso nunca é observado sem a roupagem da gramática” (NEVES, 2006, p.25). Dentro da perspectiva funcional da sentença, considera-se que a estrutura dos enunciados é determinada pelo uso e pelo contexto comunicativo em que ocorrem.

Percebem-se, pois, três concepções para a abordagem dos estudos gramaticais. A tradicional, que apresenta uma linha clássica para a análise da língua; a normativa que define e explicita as normas linguísticas, o modelo correto a ser empregado pelos falantes e, finalmente, a gramática funcionalista que consiste na análise dos itens lexicais e gramaticais da língua, explicitando o seu uso em textos reais, ou seja, considera que é no uso que as palavras assumem seu significado e sua função. São, portanto, abordagens diferentes: as duas primeiras centradas na forma da língua e a última no funcionamento desta.

No próximo item, explicita-se como a palavra *assim* é apresentada nas gramáticas tradicional, normativa e de usos. Tendo em vista a importância atribuída à apresentação do lexema *assim* nas gramáticas, busca-se descrever como ele pode ser analisado em uma perspectiva enunciativa.

1.2 O *Assim* na Gramática

Neste item, apresenta-se o que as gramáticas acima citadas trazem a respeito da palavra *assim*. Primeiramente, traz-se a abordagem da gramática normativa de Rocha Lima, em seguida, a tradicional de Evanildo Bechara e, finalmente, a gramática funcional de Maria Helena de Moura Neves. A partir desse olhar, buscam-se subsídios teóricos para a realização da análise da palavra *assim* em textos publicitários, sob a perspectiva enunciativa.

1.2.1 O *Assim* em Rocha Lima

Na gramática normativa de Rocha Lima, a palavra *assim* é conceituada como advérbio de modo. Advérbios, para Lima (2000), são palavras modificadoras do verbo. Servem para expressar as várias circunstâncias que cercam a significação verbal. O autor explica, ainda, que há os advérbios que não acompanham verbos, mas adjetivos e advérbios.

“Bem, mal, *assim*, adrede, etc. (e muitos adjetivos adverbalizados com o sufixo “mente” ou sem ele): “...Ela fugia com os olhos, ou falava áspero” (em lugar de asperamente)” (LIMA, 2000, p.175).

A partir dessa abordagem, percebe-se que Rocha Lima trabalha numa perspectiva da estrutura tradicional da língua. Evanildo Bechara (2006) reflete em sua obra sobre um novo tratamento a essa visão clássica ao considera a construção de sentidos das palavras em um contexto. Essa discussão dar-se-á a seguir.

1.2.2 O *Assim* em Bechara

Em Bechara (2006), encontra-se também a apresentação da palavra *assim* como advérbio. É dito que certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo e desempenham, na oração, a função de adjunto adverbial. O advérbio é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira.

Inclui-se, nesta seção, uma breve análise referente ao sentido da palavra *assim* nos exemplos citados, para que haja uma unidade no estudo.

“Pessoas *assim* não merecem nossa atenção”.

Nesse exemplo a palavra *assim* remete ao sentido de determinar certas pessoas que não merecem nossa atenção.

O autor explica também que certos advérbios funcionam como predicativo, à maneira dos adjetivos: “A vida é *assim*”.

Nesse exemplo o sentido da palavra *assim* é de caracterizar a vida.

Bechara (2006, p. 122) faz referência ainda em sua obra ao que diz Mattoso Câmara em relação à descrição e à demarcação classificatória: “a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios”. Percebe-se nos exemplos acima citados essa mobilidade semântica e funcional, sendo que no primeiro exemplo a palavra *assim* apresenta-se como adjetivo, enquanto no segundo apresenta-se como predicativo.

A palavra *assim* é também classificada por Bechara (2006) como conjunção. Primeiramente, introduz a ideia de conector e transpositor, pois explica que a língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado. Essas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: coordenadas e subordinadas.

Após classificar e conceituar as conjunções em aditivas, alternativas e adversativas, (não se conceitua cada uma delas, pois não é esse o objetivo deste estudo), chega-se ao conceito de Unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas – levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica. A tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interacionais ou intertextuais. É o caso de: *pois, logo, portanto, entretanto, contudo, todavia, não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, têm-se as *explicativas: pois, porquanto, etc;* e *conclusivas: pois, logo, portanto, então, assim, por conseguinte, etc.*, sem contar: *contudo, entretanto, todavia*, que se alinham junto às adversativas.

A partir dessa abordagem, percebe-se que, enquanto Rocha Lima (2000) trabalha numa perspectiva de estrutura tradicional da língua, Bechara reflete em sua obra sobre um novo tratamento a essa visão clássica ao considerar a flexibilidade/mobilidade de sentidos das palavras em um contexto.

A partir dessa abordagem, percebe-se o olhar do gramático sobre a palavra *assim*, considerando-a nos aspectos formais e à flexibilidade de sentidos dentro de acordo com o contexto. Apresenta-se, pois, a análise na perspectiva de Maria Helena Moura Neves (2000) que, por sua vez, insere o uso, o contexto de comunicação na análise dos fatos linguísticos.

1.2.3 O *Assim* em Moura Neves

A *Gramática de usos do português*, de Maria Helena de Moura Neves (2000), estabelece que a conceituação de advérbio tem diversos pontos de partida. Vale ressaltar que não apresentaremos todos os conceitos dos advérbios citados na referida gramática, mas sim alguns exemplos que serão relevantes para o presente estudo.

Do ponto de vista morfológico, o advérbio é uma palavra invariável:

Ex: Entram Fernando e Vanessa de mãos dadas e **muito** contentes. (DEL)⁴

Do ponto de vista sintático, ou relacional, o **advérbio** é uma palavra periférica, isto é, ele funciona como **satélite**⁵ de um núcleo.

De acordo com Moura Neves (2000), o advérbio (ou locução adverbial) atua nas diversas camadas do enunciado, entre elas: verbos, pronomes, conjunções..... O advérbio é periférico em um sintagma, incidindo sobre o seu núcleo (um constituinte) que, conforme a subclasse do advérbio que esteja em questão, pode constituir subclasses.

Inclui-se, nesta seção, uma breve análise referente ao sentido da palavra *assim* nos exemplos citados, para que se possa fazer um paralelo entre as abordagens.

Na sequência os conceitos de Moura Neves (2000), os advérbios de modo constituem a subclasse mais característica dos advérbios, já que eles são qualificadores de uma ação, um processo ou um estado, isto é, modificam propriedades de verbos e adjetivos. Têm, pois, uma função correspondente à que tem os adjetivos qualificadores, em relação aos substantivos:

- um **substantivo**

Ninguém atenta que uma viagem assim com cheiro de derradeira não pode ser encaminhada enquanto dura um suspiro. (OSD). Nesse exemplo, a palavra *assim* remete ao sentido de ser a última viagem, é a expressão posterior a palavra *assim* “cheiro de derradeira” que vai dar sentido a palavra que acompanha o substantivo *viagem*.

Em princípio, os advérbios de modo constituem, pois, uma categoria **não-fórica**, mas o advérbio *ASSIM*, que indica modo, tem uma natureza pronominal, funcionando como referenciador textual:

⁴ Estas abreviações são siglas de obras utilizadas por Maria Helena de Moura Neves (2000, p.963), que aparecem em sua obra “Gramática de Usos do Português”.

⁵ Satélite: termo usado por Moura Neves (2000), referente às palavras que trazem informações suplementares no enunciado.

Não custa muito dizer “sim senhor, padrinho”. No meu tempo de rapaz era assim que se dizia. (ATR)

Nesse exemplo a palavra *assim* retoma a expressão “sim senhor, padrinho”, e remete à preservação de boas maneiras.

(**assim** = desse modo que acaba de ser indicado – **anáfora**)

Medida de tamanho alcance tomada assim de afogadilho explica-se pelas circunstâncias do momento. (H)

Nesse exemplo a palavra *assim* tem o sentido de expressar o modo que a medida foi tomada.

(**assim** = desse modo que a seguir vai ser indicado – **catáfora**)

O advérbio de modo *assim* pode ocorrer incidindo sobre um substantivo, isto é, na mesma posição sintática de um adjetivo:

E você creia: jamais acreditei que pudessem existir remorsos assim. (A)

Nesse exemplo, a palavra *assim* remete ao sentido que os remorsos são ruins, negativos, uma qualidade negativa, pois as palavras jamais acreditei, pudessem existir e a própria palavra remorso implica um sentido negativo.

Essa condição pode ser bem observada quando o *assim*, em emprego catafórico, vem a seguir especificado por um sintagma de valor adjetivo:

Deixe disso mano: você não é assim tão materialista. (CHI)

Nesse exemplo, a palavra *assim* remete a sentido, referência ao caráter de uma pessoa, é catafórico, pois vem especificado pelo termo posterior.

Desculpe, mas sempre que falo em Desdêmona eu me ponho assim um pouco imbecil. (DM)

Nesse exemplo, a palavra *assim* remete ao sentido autoafirmação, é preciso se valer da expressão “um pouco imbecil” para especificar a palavra *assim* no contexto.

Em posição predicativa seguido de sintagma especificador, o elemento **fórico** *assim*, sem deixar de fazer qualificação, pode indicar grande quantidade: *Essa estrebaria está assim de pulgas.* (DO). Nesse exemplo a palavra *assim* remete sentido de intensificador, de um espaço “estrebaria” cheia de pulgas, muitas pulgas.

Ah, senhor editor, está assim de gente querendo aprender São Paulo numa lição. (GTT). Nesse exemplo, a palavra *assim* remete ao sentido de intensificador, muita gente está querendo aprender São Paulo.

Considerando a base funcionalista, com base na gramática de usos de Moura Neves, percebe-se que a palavra *assim* serve como *advérbio* e também aparece como um termo de *realce*.

Já em *A Gramática Funcionalista ou de Usos*, de Maria Helena de Moura Neves (2004), que tem como título “Texto e Gramática”, que será referência deste estudo, pois traz uma concepção da linguagem e de produção de texto voltada à interação. Essa interação se dá através da relação entre gramática e interação, exatamente porque reflete a relação entre o sistema gramatical e o funcionamento discursivo. Na visão funcionalista, esse processo é chamado de gramaticalização. Para Givón *apud* Moura Neves (2004), a gramaticalização pode ser vista na diacronia, mas do ponto de vista cognitivo ela é um processo instantâneo que envolve um ato mental pelo qual uma relação de similaridade é reconhecida e explorada. Por exemplo, pode-se dar a um item primeiramente lexical um uso gramatical em um novo contexto e, nesse mesmo momento, ele se gramaticaliza. Nessa perspectiva do processo de gramaticalização, distinguem-se rigorosamente, na extensão analógica funcional, a semântica e a pragmática, e no ajustamento linguístico estrutural, a fonologia e a morfossintaxe.

Desse modo, vale referenciar a noção de base do funcionalismo em Neves (2006, p. 18), que comenta: “dinamismo, afinal, é componente necessário de qualquer consideração dos componentes linguísticos (sintático-semânticos) vistos no uso real, ou seja, na interação verbal (componente pragmático)”. Essa é a base de reflexão e análise funcionalista.

Na seção das coordenadas e subordinadas, Moura Neves (2004, p. 226) destaca a questão da articulação de orações, e também de frases. “Cabe refletir sobre direções que podem tomar as análises de enunciados, se e quando o que se tem no foco de exame é o conjunto de propósitos para estudar a língua em função, e não apenas as estruturas dos enunciados”. Estruturas linguísticas são configurações de funções, e as diferentes funções são de diferentes modos de significação no enunciado, que conduzem à eficiência da comunicação. Reitera-se a conceber a língua funcionalista da língua. Funcional é a comunicação e funcional é a própria organização interna da linguagem.

Esse apanhado das concepções de três gramáticos considerados relevantes, em diferentes abordagens (tradicional, normativa e funcional), possibilita considerar que há aproximações na classificação da palavra que cada um apresenta, pois todas trazem a referência da mobilidade semântica. É possível observar que as informações ora se encontram ora se afastam, mas sempre enfatizam a ordem morfológica e sintática da palavra.

Hoje, geralmente, considera-se o que as gramáticas restringe-se a um nível de análise superficial da língua. E com a Teoria de Benveniste, busca-se descrever a ocorrência do

assim, observando-o sintaticamente, mas, principalmente, discursivamente; ou seja, que sentido ele – oi “assim” - constrói em gêneros discursivos, através dos quais os sujeitos interagem na sociedade, no caso deste estudo, os textos publicitários que compõem o corpus de análise.

2 LÍNGUA E ENUNCIÇÃO

Neste capítulo, trata-se da Linguística da Enunciação a qual conserva muitos aspectos da linguística saussureana. O principal deles refere-se à noção de sistema que, para os linguistas pós-saussureanos, é chamado de estrutura.

Para Benveniste (1991, p.104), a definição mínima de estrutura apresenta que

o princípio fundamental é que a língua constitui um sistema do qual todas as partes são unidas por um relação de solidariedade e dependência. Esse sistema organiza unidades, que são os signos articulados, que se diferenciam e se delimitam mutuamente. A doutrina estruturalista ensina a predominância do sistema sobre elementos, visa a destacar a estrutura do sistema através das relações dos elementos, tanto na cadeia falada como nos paradigmas formais, e mostra o caráter orgânico das mudanças às quais a língua é submetida.

Sendo assim, sob a ótica da Linguística Enunciativa, o conceito de estrutura passa a ser objeto de reconceituação, isso porque o enunciado é sempre renovado em cada ato discursivo.

2.1 Enunciação em Benveniste

Interessa entender o que é linguagem e língua, mediante duas propostas, a de Saussure e a de Benveniste, por serem consideradas relevantes no presente trabalho, visto que se busca uma abordagem para além dos aspectos formais da língua.

Saussure considerou a *linguagem* “heteróclita e multifacetada” (*apud* Fiorin 2004, p.14), pois abrange vários domínios; é ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica; ela pertence ao domínio do individual e do social. A língua é um objeto unificado e suscetível de classificação. Para Saussure (*apud* FIORIN 2004, p.14), a língua é “um sistema de signos” – conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo. *Língua*, para o autor, é uma parte essencial para a linguagem, não pode ser modificada pelo falante e obedece às leis do contrato social estabelecido pelos membros da comunidade. De acordo com Saussure, existe ainda, no conjunto língua – linguagem outro elemento, a *fala*, que é um ato individual.

Dessa forma, coube a Saussure a escolha entre dois caminhos que para ele deveriam ser seguidos separadamente: língua/fala. Língua enquanto sistema (de ordem social) e fala, da parte do indivíduo. Quando Saussure (1975, p.92), considera que “a língua é... a linguagem

menos a fala” tendo antes considerado que “a linguagem tem um lado individual e um lado social” (1975, p.16) e dito que “a língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente” (1975, p.22), distingue a necessidade de uma *Linguística da Língua* e uma *Linguística da Fala*.

Refletindo sobre a dicotomia língua/fala, proposta por Saussure, é que Benveniste (1991) apresenta um novo olhar sobre o assunto, voltando-se ao campo da enunciação. Saussure apresenta a noção de língua como um sistema, tomando a gramática como conjunto de princípios que regem o funcionamento da língua. Benveniste (1991) caracteriza língua como faculdade - *faculdade de associação e de coordenações* – cujo critério é a distinção. Esta não pode ser confundida com uma simples nomenclatura porque, a cada momento, configura-se diferentemente, dadas as interrelações que lhes são próprias. O exercício desta faculdade corresponde ao *exercício da língua*, ou seja, ao colocar essa língua em funcionamento - uso. Saussure não se detém a esse exercício, pois seu objeto é exclusivamente *língua*.

Já para Benveniste (*apud FLORES et al.*, 2009), *língua* é o sistema que inter-relaciona valor distintivo das formas e valor referencial relativo à situação enunciativa – sentido; enquanto *linguagem* é faculdade de simbolizar, o que é inerente à condição humana. Assim entendida, a linguagem está diretamente ligada à intersubjetividade uma vez que, como uma faculdade de simbolizar, ela é condição de existência do homem e, como tal, é sempre referida ao outro.

De acordo com o conceito de língua benvenistiano, pode-se afirmar que a execução da língua se faz por encadeamento de unidades combinadas, as associações sempre consideram combinações. Determinar o princípio que rege uma associação é tratar, ao mesmo tempo, com o homogêneo e com o heterogêneo no que se refere à língua.

Através do exercício da língua, a expressão de uma ideia se caracteriza pela sucessão de signos – um *sintagma*. As relações associativas e relações sintagmáticas nos termos de Benveniste, correspondem a *forma e sentido*⁶.

Saussure (1995) explicita a relação de sintagma e paradigma. A noção de sintagma se aplica não só às palavras, mas aos outros grupos de palavras. Não basta considerar a relação que une as diversas partes de um sintagma; deve-se também levar em conta a que liga o todo com as diversas partes. Enquanto um sintagma suscita em seguida a ideia de uma sucessão e de um número determinado de elementos, os termos de uma família associativa não se

⁶ *Forma e sentido* – estes termos serão retomados ao longo do trabalho.

apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada. É o que acontece com os paradigmas, eles se flexionam.

As noções de *forma e sentido*, propostas por Benveniste ao estudar o sistema em níveis, são saussureanas, pois é Saussure quem propõe a combinação em dois âmbitos: as consagradas pelo uso, que obedecem a uma ordem imposta pelas formas, e que são da língua; as ditas “livres”, que assim não o são, pois também consideram a língua, porque decorrem de associações, as quais propõem um *sentido* próprio a uma ideia que o falante quer exprimir.

Com isso, Saussure (1969) ao tratar das combinações, estuda a *sintaxe da língua*, mas acena com a possibilidade de uma outra sintaxe, requerida pela ideia que o falante expressa. Benveniste (1991), ao referir as combinações, estuda a *sintaxe da enunciação*.

Trata-se não mais de opor a língua à fala, mas de ver que a língua comporta a fala e vice-versa. Nesse sentido, é possível afirmar que o pensamento benvenistiano configura-se numa epistemologia, que considera tanto a Linguística da Língua quanto a Linguística da Fala.

Dessa forma, Benveniste (1989), remete seus pensamentos a Saussure e, a partir daí, desenvolve um modelo de análise da língua voltado especificamente à enunciação. A enunciação é o ato de colocar a língua em funcionamento, através de um ato individual de apropriação, sendo que o *aparelho formal da enunciação* possibilita ao sujeito enunciar de modo geral (através de uma organização chamada estrutura) e também particular, de acordo com a especificidade de cada um.

Com as noções de *forma e sentido*, verifica-se, em Benveniste (1989), a articulação entre língua e referência, mediada pela noção de enunciação. Desse modo, a língua é forma, não substância, princípio saussureano seguido por Benveniste que *na e pela* enunciação se definem, devido à relação com o mundo.

Para compreender melhor a relação entre estrutura e sistema, é importante estabelecer uma definição de ambos os conceitos. Benveniste (1991, p.104) explica que a língua “constitui um sistema no qual todas as partes são unidas por uma relação de solidariedade e de dependência”. Esse sistema organiza unidades, que são os signos articulados, que se diferenciam e se delimitam mutuamente. Enquanto estrutura destaca sistema através das relações dos elementos.

No caso da linguística da Enunciação, deve ser lembrado que o próprio conceito de estrutura passa a ser objeto de reconceituação, uma vez que, no contexto teórico dos estudos da enunciação, a estrutura comporta um sujeito que enuncia através do ato individual de

utilização. Esse ato caracteriza-se pela unicidade, reversibilidade e pelo não-repetível, que é relativo à intersubjetividade e à atribuição de referência ao enunciado.

Benveniste (1991, p.286) faz referência ao sujeito e à estrutura articulados. Quando o autor diz que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”, ele anuncia a ideia que o “eu” se autoafirma através do “tu”, daí a concepção de que nenhum dos dois termos pode ser concebido sem o outro. Assim se dá a oposição da polaridade interior/exterior que ocorre na linguagem. Para estudar a intersubjetividade⁷ em Benveniste, é necessário entender a estrutura do sistema pronominal pessoal.

Em Benveniste (1991, p.286), o sujeito “*Eu* não emprega *eu* a não ser dirigindo-se a alguém, *eu* será, na alocação, um *tu*”. Isso implica reciprocidade. Na enunciação, consideram-se os seguintes aspectos: o ato em si, as situações em que o ato se realiza e os instrumentos de sua realização. O autor introduz o locutor como condição primeira da enunciação. A interação dá-se do *eu* em relação ao *tu*, quando *eu* fala é dono do dizer, no momento em que *tu* toma a palavra deixa de ser *tu* e passa a ser *eu*. Para o autor (1989, p.82), “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”; isto é, enunciar é transformar individualmente a língua em discurso, é transformar o ato semiótico em ato semântico.

Diante disso, pode-se depreender que a semantização da língua se dá nessa passagem da língua em língua-discurso, em que a enunciação é produto de um ato de apropriação da língua pelo locutor, que, a partir do aparelho formal da enunciação, tem como parâmetro um locutor (*eu*) e um alocutário (*tu*).

O *sentido*, segundo a Teoria da Enunciação, é único e irrepitível por revelar a posição de um locutor em uma situação discursiva. Isto é, o sujeito, ao materializar uma ideia, atribui referência em relação ao *eu-tu-aqui-agora*. Com isso, há uma renovação constante do enunciado e a frase torna-se única, singular. Diante dessas reflexões, vale ressaltar que não se pode confundir frase/enunciado com enunciação, sendo que a *enunciação* é a língua em ação através do ato individual, o *enunciado* é o produto da enunciação e a *frase* é a materialidade linguística.

Entende-se que frases são compostas por palavras e sob tal perspectiva são elas mediadoras da língua para o discurso. É nessa mediação que se apresenta a possibilidade de *uma dupla significância* da palavra: a significância do signo e a significância da frase, como

⁷ Intersubjetividade: a língua é intersubjetiva não só porque prevê *eu* e *tu*, mas também porque apresenta a *não-pessoa*, todos os demais signos que medeiam a relação intersubjetiva. Todos estes signos são reconhecidos por quem usa a língua – a língua é comum a *eu* e *tu* – e compreendidos - a situação a língua é por *eu* e *tu* (FLORES, 2008, p. 74).

escreveu Benveniste (1989) em *Sintaxe da língua e sintaxe da enunciação*⁸. Com isso, são apontados dois conceitos de língua: língua enquanto sistema de signos e língua enquanto comunicação intersubjetiva (língua-discurso).

O locutor em meio a essa duplicidade é quem reverencia a produção de sentido na enunciação. Na enunciação, a locução ou o *signo-palavra* é a unidade linguística intermediária entre *língua e língua-discurso*⁹. O locutor, ao dizer eu, pessoa subjetiva, apropria-se da *língua* (intersubjetiva) para referir ao mundo e correferir ao alocutário, constitui, nessa relação, a enunciação de forma simultânea.

Constata-se que a concepção de linguagem em Benveniste comporta um nível intermediário entre língua e língua-discurso, através do qual se dá o funcionamento da linguagem: *a palavra*. A partir do estudo de dois artigos de Benveniste (1989), “A linguagem e a experiência humana” e “A forma e o sentido na linguagem”, constata-se que a palavra estabelece sentido no momento em que significa algo, ou seja, no enunciado.

Segundo Flores (2008), a linguística da enunciação inclui questões como subjetividade, referência, dêixis, contexto, modalização. Essa nova abordagem de fenômenos relativos à língua e a quem a fala exige novos procedimentos que não foram vistos anteriormente pelos linguistas.

É relevante neste momento discorrer sobre o que vem a ser língua e a linguagem sob a perspectiva benvenistiana. De Saussure herdou-se o conceito de semiologia que se refere ao signo. Sabe-se que a língua, enquanto sistema, é constituída por unidades, e essas unidades são signos. A semântica é abordada em separado, não foi objeto de estudo de Saussure, pois para ele isso estaria ligada à fala, então, instaura novos conceitos referentes à linguagem. Benveniste, em suas reflexões sobre o funcionamento da língua, ultrapassa a noção de semiótica e aborda, simultaneamente, a estrutura e a função da língua. Isso se dá da seguinte forma:

- na análise intralinguística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos Semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica;

⁸ Cita-se sintaxe da língua e sintaxe da enunciação devido à observação de que a concepção de Benveniste aponta uma abordagem conjunta da língua: a sintaxe revela o sentido e o sentido revela a sintaxe. Essa visão opõe-se à concepção de sintaxe apontada nas gramáticas não-enunciativas.

⁹ *Língua-discurso* é o termo empregado por Benveniste (1989, p. 233) que, sob a noção de *significação*, apresenta a noção de *semiótico* e a noção de *semântico* constituindo uma superposição, uma espécie de amálgama em que são consideradas as noções de *significação na e da língua* e de *significação no e do discurso*: são opositivas e, também, constitutivas. Este termo apresentado por Benveniste será retomado ao longo do trabalho.

- na análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a *Semântica da enunciação*¹⁰ (BENVENISTE, 1989, p.67, grifo nosso).

Benveniste (1989) considera a língua como essencialmente social, concebida no consenso coletivo; já Saussure (1975, p.16), preceitua que “a linguagem tem um lado individual e um lado social”. Assim, a definição de língua para Saussure implica a eliminação de tudo que seja estranho ao sistema, ou seja, tudo o que pertence à “Linguística Externa” ou seja, ao seu funcionamento, ao seu uso. Benveniste, considerado o primeiro linguista a lançar as bases do tratamento enunciativo da linguagem, argumenta:

Quando Saussure introduziu a ideia de signo linguístico, ele pensava ter dito tudo sobre a natureza da língua: não parece ter visto que ela podia ser outra coisa ao mesmo tempo, exceto no quadro da oposição bem conhecida que ele estabelece entre língua e fala. Compete-nos ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante (BENVENISTE, 1989, p. 224).

A forma como Benveniste (1989) entende a língua advém do seu entendimento de signo. Considerando sua forma de significação, propõe dois planos de sentido: semiótico e o semântico¹¹.

No plano do semântico, vê-se a língua como instrumento da descrição e do raciocínio, a expressão do sentido resultante da relação do signo com o contexto, ou seja, o modo de significar do enunciado (discurso). Em Flores (2008, p. 30), a inovação do pensamento de Benveniste é “supor sujeito e estrutura articulados”, essa forma de significar é a língua como trabalho social. Então, pode-se dizer que Benveniste (1991) vê a língua no seio da sociedade e da cultura porque, para ele, o social é da natureza do homem e da língua.

Linguagem para Benveniste (1991) não é entendida como o que serve de instrumento de comunicação ao homem. No texto “Da subjetividade da linguagem”, Benveniste (1991, p.285) explica que “Falar de instrumento, é pôr em oposição o homem e a natureza” e mostra que não se pode mais conceber a linguagem e o indivíduo dessa forma, porque “não atingimos

¹⁰ *Semântica da enunciação*: sistema linguístico resultante da atividade do locutor em relação à língua, com isso pressupõe a presença de alocutário, bem como instalação no tempo e espaço. No semântico, a unidade é a frase, materialidade que expressa o exercício do locutor que, para a atribuição de referência, se insere na língua, apropriando-se desse sistema e atualizando signos com os quais configura a frase, com a finalidade de referir uma ideia que expressa sua atitude e a situação de discurso. Apesar de Benveniste opor semântico ao semiótico, percebe-se que ambos se complementam, já que o semântico se efetiva a partir da inserção do sujeito no semiótico (FLORES *et al.*, 2009, p. 205).

¹¹ Ato semiótico: sistema de signos compartilhado por todos. Vale lembrar que esse assunto será trabalhado mais detalhadamente no item que apresenta a forma e o sentido na linguagem.
Ato semântico: é o campo do discurso em que se dá a fusão discurso/sentido, o sujeito se insere na língua. (FLORES, 2008, p.70).

nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a” (1991, p.285). Na verdade, essa concepção deixa claro que o indivíduo se constitui através da linguagem. Ao se apropriar dela é que o *eu* define o indivíduo, pela construção linguística particular, a qual o define como locutor.

Através dessa constituição *na e pela* linguagem é importante que se façam algumas considerações. Para Benveniste (1991) não se pode confundir linguagem com instrumento de comunicação. Como instrumento, pode-se entender todos os sistemas de sinais, códigos, que foram criados pelo próprio homem. O homem é o único ser capaz de falar porque possui um aparelho fonológico. É essa condição que torna o homem capaz de apropriar-se da língua para colocá-la em uso. A linguagem é o que constitui sujeito, pois ela é a condição de existência do homem, ela é sempre referida ao outro, ou seja, na linguagem se vê a intersubjetividade. A língua é intersubjetiva não só porque prevê *eu* e *tu*, mas também porque apresenta a *não-pessoa*. Considera, pois, todos os demais signos que medeiam a relação entre os sujeitos como condição para subjetividade. Benveniste distingue língua/linguagem:

Observou-se que a linguística tem dois objetos: linguagem e língua. Essa distinção, que nem sempre se faz, é necessária: a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza. É das línguas que se ocupa o linguista e a linguística é em primeiro lugar a teoria das línguas. Dentro desta perspectiva que aqui nos colocamos, veremos que essas vias diferentes se entrelaçam com frequência e finalmente se confundem, pois os problemas diversos das línguas têm em comum o fato de que, a um certo grau de generalidade, põem sempre em questão a linguagem (BENVENISTE, 1991, p. 20).

Com base nas palavras de Benveniste (1991), percebe-se a distinção entre linguagem e língua, pois caracteriza língua como uma relação de intersubjetividade, termo esse referente à questão sujeito eu/tu. A linguagem, por sua vez, é a condição de existência do homem e, como tal, é sempre referida ao outro. Assim sendo, a linguagem é a condição da língua.

Para aprofundar essa questão entre linguagem e língua, escolhe-se percorrer o seguinte aspecto da teoria de Benveniste: os níveis de análise linguística.

2.2 Níveis de Análise Linguística

Benveniste (1991), ao propor um estudo científico de um objeto como a linguagem, defende que se devem estabelecer procedimentos e critérios adequados para tal. Para isso, de acordo com Benveniste (1991, p.127),

a noção de *nível* é essencial na determinação do procedimento de análise. Só ela é própria para fazer justiça à natureza *articulada* da linguagem e ao caráter *discreto* dos seus elementos; só ela pode fazer-nos reconhecer, na complexidade das formas, a arquitetura singular das partes e do todo. O domínio no qual estudaremos é o da língua como sistema orgânico de signos lingüísticos.

Benveniste (1991) propõe três níveis de análise: o fonemático, o referente ao sentido, e o frasal. O primeiro nível, o *fonemático*, é aquele em que se destacam a segmentação e as substituições possíveis em relação aos signos. É, em resumo, o método de distribuição que consiste em definir cada elemento pelo conjunto do meio em que se apresenta por intermédio de uma relação dupla: sintagmática e paradigmática. A sintagmática refere-se à relação do elemento com os outros elementos simultaneamente presentes no mesmo enunciado; a paradigmática considera a relação do elemento com os outros elementos substituíveis.

O segundo nível, referente ao *sentido*. Para Benveniste (1991, p. 130), “é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* lingüístico. Isto é, o fonema só tem valor como discriminador de signos lingüísticos, e o traço distintivo, como discriminador dos fonemas”. Portanto, uma palavra é aquilo que a outra não é, ou seja, a /c /a /s /a/ branca não poderia ser substituída por a /r /a /s /a / branca. Seguindo essa reflexão, chega-se, ainda neste nível, à reflexão em referência à *palavra*¹². Percebe-se que do fonema passa-se ao nível do signo.

O autor cita a dupla natureza da palavra. De um lado, decompõe-se em unidades fonemáticas, de nível inferior; de outro lado, entra como significante, numa unidade superior. Em decorrência dessa dupla natureza, é importante entender que muitas vezes a palavra dependerá da frase para definir-se, isto é, ter um sentido que lhe seja próprio em dada situação de enunciação. A palavra pode definir-se como a menor unidade significante de uma frase e ser ela mesma efetuada por fonemas. Então, a palavra é um constituinte da frase, efetua-lhe a significação, mas não aparece necessariamente na frase com o sentido que tem como unidade autônoma.

Entende-se que esse sentido é implícito, ou seja, inerente ao sistema lingüístico e as suas partes podem constituir uma unidade distintiva, opositiva, delimitada e identificável para os locutores nativos, de uma dada língua. Ao mesmo tempo, a linguagem se refere ao mundo dos objetos, sob forma de enunciados, sob forma de frases. Vale ressaltar que, para

¹² *Palavra*: “unidade constituinte da frase ou enunciado na qual significação distintiva e significação contextual se articulam, produzindo sentido próprio à atitude do sujeito e à situação enunciativa” (FLORES *et al.*, 2009, p.183).

Benveniste (1991), frase e enunciado se equivalem, mas não podem ser confundidos com enunciação. De acordo com as palavras do autor:

A frase ou enunciado é sempre singular, particular, reveladora de quem a expressa e da situação que, na e pela enunciação, se constitui.

A enunciação, como já visto, é a língua posta em ação por um ato individual de uso da língua; o enunciado é produto da enunciação (FLORES, 2008, p.68).

O último nível de análise proposto por Benveniste (1991, p.138) é o da *frase*¹³. De acordo com o autor, a frase “é a própria vida da linguagem em ação”. É neste momento que se deixa a língua enquanto sistema e entra-se em outro universo, o da língua como instrumento de comunicação cuja expressão é o *discurso*.

Eis aí verdadeiramente dois universos diferentes, embora abarquem a mesma realidade, e possibilitem duas linguísticas diferentes, embora os seus caminhos se cruzem a todo instante. Há de um lado a língua, conjunto de signos formais, destacados pelos procedimentos rigorosos, escalonados por classes, combinados em estruturas e em sistemas; de outro, a manifestação da língua na comunicação viva (BENVENISTE, 1991, p. 139).

Percebe-se que, segundo Benveniste (1991, p.140), no nível da frase é inserida uma nova concepção de linguagem: o discurso, o sentido, a comunicação viva. É a língua em situação real de uso, no enunciado. As frases são enformadas de sentido e referência: “sentido porque são enformadas de significação, e referência porque se referem a uma determinada situação”. Dessa forma, uma frase formalmente exclamativa pode ter função declarativa e vice-versa. A frase é entidade linguística, possui sentido e, exclusivamente, referência. Se a frase não está submetida à classificação, ela tem um sentido constante, a predicação, e um “sentido” variável, sua referência.

Para Benveniste (1991), é no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. O discurso se dá na fusão de forma e sentido: forma para o reconhecimento da língua; sentido para a compreensão do que se expressa em uma situação de uso da língua.

Portanto, ao enunciar, o indivíduo expressa uma realidade, mesmo que cada língua ou tipo de língua manifesta uma função com formas diferentes, mas em distribuição dentro de cada língua, devido às diversas possibilidades de escolha no paradigma. É relevante que se verifique a referência ao “emprego das formas”, proposto por Benveniste (1989) através do

¹³ *Frase*: “unidade do discurso”. Com a frase passa-se de um sistema para outro: da língua como sistema de signos para a língua em ação, no discurso, no modo semântico de significância da língua.

Aparelho Formal da Enunciação. Essa é uma possibilidade gerada pelo aparelho formal da enunciação, que será a discussão apresentada a seguir.

2.3 O Aparelho Formal da Enunciação

O *Aparelho Formal da Enunciação* refere-se ao “emprego das formas”. Formas são as maneiras de estabelecer correlação entre as variações morfológicas e combinações de signos mutuamente, preposições, verbos, lugar e ordem etc., através das possibilidades de escolha possíveis em um dado paradigma.

Ao propor a noção de aparelho formal da enunciação, Benveniste (1989) considera que a língua é um sistema, tem sua organização (estrutura) e disponibiliza um aparelho formal que possibilita ao sujeito se enunciar na língua. O aparelho pertence à língua, mas seu uso depende da enunciação. Sendo assim, as condições de emprego das formas não são idênticas às condições de emprego da língua. São eventos distintos, implicam maneiras diferentes de ver as mesmas coisas, de descrevê-las e de interpretá-las.

Percebe-se, dessa forma, a indicação de subjetividade em o *Aparelho Formal da Enunciação*. Aqui é concebida uma oposição entre linguística das formas e linguística da enunciação. À primeira, cabe a descrição das regras responsáveis pela organização sintática da língua. A segunda pressupõe a anterior e inclui no objeto de estudo a enunciação. Com isso, pode-se dizer que o emprego das formas é adverso ao emprego da língua.

Para Benveniste (1989), essa questão é vista como dois mundos distintos, ou seja, um remete à diversidade das estruturas linguísticas dentro de um paradigma e o outro é referente ao emprego da língua, que vem a ser uma situação bem maior; isto é, a língua inteira, não só como estrutura. É essa relação que deve ficar clara, pois é neste momento que o locutor, através do uso da língua, determina caracteres linguísticos da enunciação. Sendo assim, enunciar é transformar individualmente a língua em discurso, ou seja, é transformar o ato Semiótico em ato Semântico.

É através da utilização da língua pelo ato individual que o locutor introduz as condições necessárias para se enunciar. É aqui que Benveniste (1989, p.83) defende que “antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua”. A esse processo denomina *apropriação*, isso porque o indivíduo se apropria do aparelho formal da língua e anuncia sua posição através de sua especificidade. Dessa forma, ao se declarar locutor e assumir uma posição, imediatamente, cria-se o outro diante de si, postulando assim um alocutário.

Quanto ao aparelho formal da língua, apresentam-se as categorias da enunciação: pessoa, espaço e tempo.

2.4 A Noção de Pessoa, Espaço e Tempo

Neste item, discutem-se as categorias a pessoa, espaço e tempo, aspectos fundamentais e singulares na teoria da enunciação. Sabe-se que o quadro da enunciação é formalizado em *eu-tu-aqui-agora*, que se referem à língua em ação.

2.4.1 A noção pessoa *eu-tu*

A noção de pessoa é relativa ao verbo e aos pronomes pessoais. O ato individual de utilização da língua está relacionado à apresentação da noção de pessoa¹⁴. Benveniste (1991), no estudo referente aos pronomes, explica que essa classe de palavra apresenta três pessoas: a primeira “aquele que fala”, a segunda “aquele a quem se fala” e a terceira “aquele que está ausente” dito como não-pessoa¹⁵. Daí a oposição “*eu*”, “*tu*”, “*ele*”.

A primeira pessoa é aquele que fala; a segunda, aquele a quem o sujeito se dirige e a terceira aquele que está ausente. Ao apresentar a proposição *Eu diz eu*, desencadeia a noção de sujeito na Teoria da Enunciação. No momento em que *eu diz eu*, necessita outra proposição – *eu diz eu e diz tu* –, *eu* e *tu* são opositivos *eu/tu* e, ao mesmo tempo, complementares. Atribuir referência a um é atribuir referência a outro: o ato que promove *eu* à existência, promove à existência o *tu*, concomitantemente. *Eu/não-eu* ou *eu/tu*, a diferença necessária para que *eu* se identifique como o que toma a língua; *eu/tu*, um par linguístico que justifica a tomada da palavra.

Essa implicação é atribuída à categoria de *pessoa*, proposta por Benveniste (1991). A primeira é *unicidade*; *eu* e *tu* são sempre únicos, se renovam a cada situação enunciativa; a segunda, *reversibilidade*, aponta o fato de que a situação enunciativa é sempre nova.

Com isso, a noção de pessoa deixa claro que não há enunciação se não houver um *eu* que constitua um *tu*, aproprie-se da língua e coloque-a em funcionamento. Essa afirmação apresenta a noção de pessoa numa implicatura de reciprocidade: *eu* e *tu* são mutuamente constitutivos, *tu* é implícito ao dizer de *eu*.

¹⁴ Apresentado nos textos “A Natureza dos Pronomes”, “Estruturas das relações de pessoa no verbo” e “Da subjetividade da linguagem” (BENVENISTE, 1991).

¹⁵ A noção não-pessoa será mencionada a seguir em o quadro da língua.

Compreendida a noção de pessoa *eu-tu* que são sempre únicos, e que ao ser tomada a palavra manifesta-se a capacidade de exercer a língua através de ato individual, infere-se pois, que a enunciação também é única. Portanto, cada ato enunciativo cria a noção de pessoa, que se renova a cada novo ato. O ato é responsável, também, pela instauração da noção de espaço-tempo da enunciação.

Daí a referência de tempo também proposta por Benveniste (1991), no que diz respeito a espaço e tempo: *aqui-agora*.

2.4.2 A Noção Espaço-Tempo – *aqui/agora*

De acordo com Flores (2008, p. 74), a enunciação instaura o *aqui-agora*, o tempo linguístico, cuja singularidade é “o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso”. *Aqui-agora* é o espaço e tempo *na e pela* enunciação – estabelece coordenadas para as expressões espaciais e temporais e, como essas expressões estão vinculadas a *eu /tu*, é pela via da intersubjetividade que tem referência. O sujeito é que dispõe espaço e tempo, ou seja, ao expressar-se, ele temporaliza os acontecimentos e os espacializa. No uso da língua, tempo e espaço são relativos à enunciação.

Dessa forma, a linguagem consiste no fato de comunicação do homem, enquanto o discurso consiste nas disposições apresentadas através da linguagem que servem de instrumento para a comunicação. A linguagem apresenta disposições que a torna apta de ser apresentada como instrumento: a palavra, a pessoa e o tempo, pois, na prática cotidiana, sob via das palavras se provoca no interlocutor um comportamento adequado a cada vez, o qual se dá através do discurso. Vale esclarecer o que vem a ser aqui “instrumento” diante da perspectiva enunciativa. Benveniste (1991, p.285) considera “instrumento” uma oposição do homem à língua, pois a linguagem não pode ser vista como um elemento fabricado, é natural do homem ele nunca a fabricou, por isso não podemos ver o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a.

A palavra vem assumir uma função instrumental porque, para que o uso dela assegure a “comunicação”, é preciso que esteja habilitada a isso pela linguagem, da qual é apenas atualizada. Essa atualização se define através da capacidade do locutor se propor como sujeito, esse processo se dá quando o “eu” se autoafirma através do “tu”, daí a concepção de que nenhum dos dois termos se concebe sem outro, a oposição de reversibilidade interior/exterior encontrada em Benveniste (1991, p.286), “eu” não emprego “eu” a não ser dirigindo-me a alguém.

Com isso, os pronomes “eu” e “tu” não devem ser tomados como figuras, mas como formas linguísticas que indicam pessoa. Vale ressaltar que o pronome “eu” refere ao ato de discurso individual e designa o locutor, é um termo que não pode ser identificado a não ser dentro da instância do discurso, e que só tem referência atual. Enquanto o pronome “tu” para se opor conjuntamente a “ele” (1989, 69), uma experiência humana se instaura de novo e revela o instrumento linguístico que a funda. Benveniste (1989) conceitua pronome como uma forma vazia, que não pode ser ligada nem a um objeto nem a um conceito. Ele recebe sua realidade e sua substância somente no discurso.

Como a subjetividade cria na linguagem a categoria de pessoa, oportuniza também efeitos variados sobre a própria estrutura das línguas, quer seja na organização das formas ou nas relações de significação. O domínio da subjetividade amplia-se ainda e chama a si a expressão de temporalidade, a qual pode ser marcada na flexão de um verbo ou por meio de outras classes de palavras. Benveniste (1991), faz referência em seu estudo ao tempo “presente”, por ter como referência temporal um dado linguístico que se dá na instância de discurso que descreve, isto porque em sua visão o presente é tomado como o “tempo em que se fala”, o que revela a subjetividade inerente ao próprio exercício da linguagem.

Benveniste (1991) comenta que há um tempo específico da língua, mas antes de chegarmos a ele é preciso distinguir duas noções distintas do tempo: o tempo físico e o tempo cronológico.

O tempo físico do mundo é contínuo uniforme, infinito, linear, segmentável à vontade, ou seja, um tempo regular, que segue um mesmo padrão.

O tempo cronológico é o tempo dos acontecimentos, que engloba também nossa vida enquanto sequência de acontecimento. É o tempo cronológico que dá fundamento da vida das sociedades, pois é a partir do eixo estativo que os acontecimentos são dispostos segundo uma ou outra visão diretiva, ou anteriormente (para trás) ou posteriormente (para frente), em relação a esse eixo. Nesse tempo encontramos blocos distintos de acontecimentos porque os acontecimentos não são o tempo, eles estão no tempo. Tudo está no tempo, exceto o próprio tempo.

O tempo linguístico, que vem a ser o tempo específico da língua. Em Benveniste (1991, p.74), “é pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo, e o tempo linguístico manifesta-se irreduzível igualmente ao tempo crônico e ao tempo físico.” Porém o tempo linguístico apresenta uma singularidade, o fato de estar organicamente ligado à fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso. O eixo fundamental do tempo linguístico é sempre e somente a instância do discurso.

O presente lingüístico para Benveniste (1991) é o fundamento das oposições temporais da língua. Este presente que se desloca com a progressão do discurso, no momento que não é mais contemporâneo do discurso, deixa de ser presente e deve ser evocado pela memória, e o momento em que o acontecimento não é mais presente.

O tempo lingüístico comporta suas próprias divisões em sua própria ordem, estas e aquelas independente do tempo cronológico. As coisas designadas e organizadas pelo discurso (pelo locutor, em seu tempo) não podem ser identificadas senão pelos parceiros da comunidade lingüística. Do contrário, para tornar inteligíveis estas referências intralingüísticas, deve-se ligar cada uma delas a um ponto determinado em coordenadas espaço-temporais. Essa junção se faz entre o tempo lingüístico e o tempo cronológico. Benveniste (1991) finaliza a reflexão sobre o tempo lingüístico dizendo que a intersubjetividade tem sua temporalidade, seus termos, suas dimensões. É sempre ao ato de fala no processo de troca que remete a experiência humana inscrita na linguagem.

Portanto, tanto a noção de pessoa quanto a noção espaço e tempo pertencem ao quadro da enunciação. Já a noção referente a não-pessoa está para o quadro da língua que será discutido a seguir.

2.4.3 A noção não-pessoa

Discutiu-se que *eu, tu, aqui, agora* e todas as questões relativas a essas palavras, os indicadores de subjetividade pertencem à enunciação, enquanto a outra parte, que delega a *não-pessoa*, pertence ao ato enunciativo. Essa noção não-pessoa constitui o quadro da língua.

Para Benveniste (1989), as três pessoas não são homogêneas, tudo o que não pertence a *eu-tu* recebe como predicado a forma verbal da terceira pessoa. A terceira pessoa pode, eventualmente, ser empregada em expressões de respeito ou de ultraje, segundo o desejo de reverenciar ou anular alguém.

Em *A Natureza dos Pronomes*, Benveniste (1991, p. 277) considera a questão dos pronomes como um problema de linguagem, mostrando que se distinguem conforme “o modo de linguagem do qual são signos: uns pertencem à sintaxe da língua, outros à instância do discurso, que são os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavras por um locutor”. Benveniste (1991) opõe o nível sintático ao pragmático, pois *eu* e *tu* pertencem ao nível pragmático porque só tem referência na situação enunciativa; *ele* pertence à sintaxe da língua. Assim, faz-se necessário refletir sobre esta condição de subjetividade

apresentada por *eu-tu* e de não-subjetividade expressa por *ele*. Para tanto, referencia-se o estudo de uma dupla sintaxe, sob o viés da teoria enunciativa.

Não basta apresentar a noção de sujeito e afirmar que ele se apropria da língua, para que ela passe a expressar atribuição de referência. Então, destacam-se as relações da forma e do uso na perspectiva enunciativa.

2.5 A Análise da Língua a partir das Relações Sintáticas (formas e uso)

Ao estudar Benveniste, percebe-se que *as relações paradigmáticas e as relações sintagmáticas se dão na e pela enunciação*. Partindo dessa afirmação, é possível a compreensão das noções de *apropriação*¹⁶ e de *atualização*¹⁷ apresentadas por Benveniste (1991), inserção dos sujeitos na língua visando à atribuição de referência¹⁸, ou seja, considerando os “níveis” em ordem crescente: a) unidades fonemáticas, b) signos, c) frases. Dessa forma, a atribuição de sentido¹⁹ demanda uma sintaxe. Observam-se os conceitos de sintaxe para Benveniste (1991): a) sintaxe enquanto mecanismo gramatical, nas relações morfológico-sintáticas dos elementos estruturais; b) sintaxe enquanto uso, nas relações morfológico-sintático-semânticas. Cada uma dessas sintaxes deriva um conceito próprio de frase.

Enquanto para a perspectiva das gramáticas brasileiras abordadas, uma sintaxe remete ao sentido, em uma perspectiva enunciativa, um sentido remete a uma sintaxe. Em Benveniste (1991), no texto *a Natureza dos pronomes*, explica que a universalidade dos pronomes é um problema de linguagem e de língua. Esclarece afirmando que só é um problema de língua por ser, primeiramente, um problema de linguagem. Essa discussão se dá porque o autor coloca os pronomes como não constituintes de classe unitária, pois considera que uns pertencem à sintaxe da língua e outros são característicos das “instâncias do discurso”, sendo esses os atos

¹⁶ Apropriação: “Processo de uso da língua pelo sujeito por meio da enunciação”. Benveniste ressalta que o processo de apropriação ocorre com a tomada, por inteiro, da língua. É o estabelecimento pelo sujeito de relações com as formas da língua, de modo a selecionar aquelas que forem compatíveis com a ideia a ser expressa (FLORES *et al.*, 2009, p. 49).

¹⁷ Atualização: “processo de inserção do signo em uma dada instância de discurso”. O signo, ao ser atualizado, passa a ter existência na língua-discurso através do sentido que emana da totalidade do significado da enunciação que integra (FLORES *et al.*, 2009, p.55).

¹⁸ Referência: “significação singular e irrepitível da língua cuja interpretação realiza-se a cada instância do discurso contendo um locutor” (FLORES *et al.*, 2009, p.197).

¹⁹ Sentido: “o sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras. Tudo é dominado pela condição do sintagma, pela ligação entre os elementos do enunciado destinado a transmitir um sentido dado, numa circunstância dada” (BENVENISTE, 1989 *apud* FLORES *et al.*, 2009, p.207).

enunciados em palavras pelo locutor, pois é o *enunciado* que constitui o *sentido único* ou a referência da enunciação, constituindo-se dessa forma a sintaxe da enunciação.

As formas “pronominais” não remetem a realidades nem a posições objetivas no espaço ou no tempo, mas à enunciação, que é única, implicando assim o seu próprio emprego. Para que haja a possibilidade dessa reflexão, Benveniste (1989) faz referência aos signos linguísticos, supondo-os subjetivos/objetivos, vazios/pletos, dêiticos/não-dêiticos. A este estudo, interessam os signos vazios/pletos cuja abordagem dar-se-á na sequência deste estudo.

De acordo com Flores *et al.* (2009), os signos vazios são os responsáveis pela conversão da língua em discurso e pela subjetividade na linguagem. São signos cuja referência é a situação a cada vez única da enunciação. “Estes signos, ao serem atualizados, se tornam “pletos”, e assim se caracterizam porque, ao serem empregados em uma situação de uso de língua passam a atribuir referência” (BENVENISTE, 1989, p. 280). Ao serem empregados, passam a constituir sentido por estarem ligados ao exercício da linguagem.

A principal característica desses signos é fornecer instrumento de uma conversão, a que se pode chamar a conversão de linguagem em discurso.

Benveniste (1989), então, traz para a cena a questão do discurso, que se define através da atualização da língua cada vez que alguém assume o lugar de *eu*. As formas linguísticas passam a constituir o discurso. De acordo com Flores *et al.* (2009), nesse processo, o valor distintivo próprio da língua passa também a expressar um valor enunciativo. Pode-se afirmar que a língua está impregnada de sentidos que se constituem no interior dos discursos. A situação dos pronomes pessoais discutida pelo autor exemplifica esse aspecto.

A fim de compreender melhor como se dá essa atualização linguística, parte-se para o estudo da sintaxe da enunciação.

2.6 Sintaxe da Enunciação em Benveniste – Princípios para um estudo enunciativo

A sintaxe nessa teoria é vista de modo adverso à que é apresentada por outras teorias, como, por exemplo, a teoria gramatical, em que a sintaxe é determinante do sentido. Para a teoria da enunciação, o sentido da palavra é dado por interrelações que se estabelecem no enunciado. O enunciado não pode ser entendido como somatório de significados, por ser único e dotado de significação, no qual o discurso é referência.

Com essa visão, o sentido requer uma sintaxe, promovida pelo sujeito ao expressar uma ideia através de organização de palavras, atribuindo referência de um processo que implica sintagmatização-semantização, termo que apresenta o sujeito no exercício da língua.

Em relação à noção de *pessoa*, Benveniste (1989) propõe a seguinte constituição, sendo ela uma constituição recíproca: o ato por meio do qual *eu* se constitui como sujeito. *Eu* e *tu* são mutuamente constitutivos, *tu* é implícito ao dizer de *eu*. O dizer que é relativo à noção de subjetividade - *eu / não-eu*- também é relativo à noção de intersubjetividade *eu ↔ não-eu*.

Essa relação constitutiva citada pelo autor dá-se através do diálogo entre a subjetividade²⁰ e a intersubjetividade. A subjetividade se instaura no momento em que o sujeito se diz *eu*. Enquanto a noção de intersubjetividade está na impossibilidade de dissociar o “*eu-tu*”, remetendo à noção de espaço e tempo, referências atribuídas *na* e *pela* enunciação.

É a intersubjetividade que conduz, que torna possível o uso da língua. O sujeito se constitui da língua e nela se realiza. De acordo com Benveniste (*apud* Flores, 2008, p. 83), a semantização da língua prevê a enunciação, “supõe a conversão individual da língua em discurso”. Então, fazer gramática de uma língua, do ponto de vista enunciativo, é tratar dos aspectos envolvidos no seu uso em dada situação.

Como já vimos anteriormente, e retomamos aqui apenas para enfatizar, para Benveniste (1989) a primeira pessoa é “aquele que fala”, a segunda “aquele a quem nos dirigimos”, a terceira, “aquele que está ausente”. Portanto “eu” e “tu” constituem noção de pessoa; “ele” é a não-pessoa, considerando que *eu-tu* são sempre únicos e que se renovam a cada ato enunciativo pela instauração da noção *espaço-tempo*. A enunciação instaura *aqui-agora*, o tempo linguístico, cuja singularidade é o fato de estar ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de organizar como função do discurso.

Isso porque, no uso da língua, o tempo e espaço são relativos à enunciação, o presente da enunciação se manifesta através da subjetividade. A subjetividade que se expressa sobrepõe a intersubjetividade: aquele a quem eu se dirige assume a temporalidade e a espacialidade indicadas no discurso e por elas regula seu dizer, ao propor-se como sujeito, pela tomada da palavra.

Observa-se, pois, que *eu-tu* referem-se à noção de pessoa, que se renova a cada ato enunciativo. Cada ato é responsável também pela noção de *espaço-tempo* da enunciação. A enunciação instaura o *aqui-agora*, dessa forma, considera a enunciação e sua relação com

²⁰ Subjetividade, segundo Benveniste, “é a capacidade do locutor para se propor como “sujeito” (*apud* FLORES, 2008, p. 53).

espaço e tempo, que o tempo verbal é o *presente* que *na* e *pela* enunciação é sucessivamente renovado. Flores (2008, p. 54) explica:

Este *presente* de que Benveniste fala é diferente do presente gramatical; o emprego deste no discurso indica que há concomitância entre o ato de dizer e o que é dito. Ao se atribuir referência a acontecimentos passados – o que é memória – ou ao se projetar o futuro, é o *presente linguístico* que está em questão; ele é o eixo para todas as relações espaciais e temporais, ele é gerador destas relações, promovendo deslocamentos no espaço e tempo.

Para entender essa dicotomia língua/linguagem, proposta por Benveniste, é preciso reportar à noção de referência. É para a atribuição de referência que se dão as relações sintagmáticas. Situadas essas relações no âmbito semântico via integração do signo na frase, só há uma maneira de explicação desses sintagmas na língua – através da *sintaxe da enunciação constitu-se a sintaxe da língua*.

O termo *atribuição de referência*, onforme Flores (2008), é usado em lugar de *referenciação*, pois a língua é relativa a *eu-tu-agui-agora*, no momento da tomada da palavra e no discurso é *na* e *pela* enunciação que o mundo passa a existir. É nesse aspecto que o dizer está impregnado pela enunciação, independentemente de o signo ser relativo ao paradigma *eu-tu-aqui-agora* ou a qualquer outro.

Interessa, pois, entender como Benveniste (1991), nos estudos sobre a *Teoria da Enunciação*, destaca a língua em funcionamento sob a perspectiva enunciativa. Faz-se relevante retomar os termos *frase* e *palavra*, empregados por Benveniste em seus estudos, pois é através deles que o autor conduz à compreensão do termo ideia. *Frase*, nessa teoria, é a unidade do discurso, como já fora explicitado. É na frase ou enunciado que o sujeito constitui o seu dizer através da materialização de uma ideia. Pode ser constituída por apenas uma palavra ou mais; *palavra* tem valor relativo, configurado pela “ideia”²¹, sintagmatizado, portanto é *função* na frase.

Para Benveniste (1989), “forma e sentido” são “inseparáveis no funcionamento da língua”. Na frase articula-se a língua e o uso da língua, pois os constituintes da frase são os signos, signos são palavras que ao se integrar na frase expressam sentido. No que se refere ao sentido, é relativo à enunciação, a uma “ideia” expressa pelo sujeito no momento em que utiliza a língua para constituir um enunciado.

²¹ *Ideia* é um termo na Teoria de Benveniste. Os que se dedicam ao estudo dessa teoria podem perceber que esse termo se aproxima ao de referência. Ideia e referência, em Benveniste, dizem respeito à frase e não à palavra.

Flores (2008, p. 72) argumenta que “sentido é relativo à atividade do sujeito com a língua. É o sujeito que organiza as palavras de uma certa maneira, porque há uma ideia que é sua, que diz sua atitude e que diz a situação enunciativa”. Portanto, é dessa atividade do sujeito com a língua que se dá a enunciação propriamente dita.

Dessa forma, o discurso é forma e sentido, propriedades simultâneas e inseparáveis no funcionamento da língua como dissera Benveniste (1989), através da fusão, semiótico/semântico ou língua/discurso. Assim, pode ser estudado na enunciação todo mecanismo linguístico cuja realização integra seu próprio sentido e que se autoreferencia no uso que o sujeito faz da língua.

A questão referente à forma e sentido, referenciada acima, merece maior detalhamento. É o que será feito a seguir.

2.7 A Forma e o Sentido na Linguagem

Os níveis da análise linguística e sintaxe na língua, de acordo com Benveniste (1991) são de relevância para a discussão de *forma* e *sentido* na perspectiva da teoria da enunciação. A forma de uma unidade linguística define-se como *palavra* que é dotada de sentido no discurso, ou seja, implicada no termo. O sentido também pode constituir forma, referência singular que se pluraliza, ao coletivar-se, ou seja, também está implicado no termo a ponto de expressar pura distinção. Vale lembrar que as suas relações mútuas revelam-se na estrutura dos níveis linguísticos, percorridos pelas operações descendentes e ascendentes da análise e graças à natureza articulada da linguagem. Benveniste(1991, p. 227-8) enuncia o seguinte princípio em relação ao semiótico:

Tudo o que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior e no uso da língua. Cada signo entra numa rede de relações e de oposições com os outros signos que o definem, que o delimitam no interior da língua. Quem diz “semiótico” diz “intralinguístico”. Cada signo tem de próprio o que o distingue dos outros signos. Ser distintivo e ser significativo é a mesma coisa.

Nesse sentido, a frase é o campo do discurso, através do qual o sujeito se insere na língua, na língua em uso, sendo “a palavra mediadora entre língua e discurso, forma e sentido, pois ela é depositária de dupla significação: é signo que especifica, é possibilidade de língua

que se torna língua, é língua-discurso” (FLORES, 2008, p. 70). Revelam-se, pois, duas maneiras de ser língua, apresentadas pelas oposições semiótico/semântico ou língua/discurso.

É sabido que significar é ter um sentido. Para obter o sentido, é preciso referir o termo língua-discurso para definir o lugar da língua em uso, através das escolhas sintagmáticas das palavras, do enunciado, por um locutor para referir-se a um alocutário. Esse movimento é o ato em que língua e discurso atuam em conjunto para produzir a língua-discurso, no qual se configura a linguagem referente ao *eu-aqui- agora*, defendida por Benveniste.

Considerar a língua intersubjetiva implica considerar enunciação. É o estudo da enunciação que desencadeia a noção de intersubjetividade, que, por sua vez, apresenta uma série de noções que vão se constituindo semanticamente, dando conta da língua como um todo.

Na sequência, aborda-se o mecanismo que dá respaldo à ideia sustentada de que a palavra estará inserida numa classe ou categoria de acordo com o ato discursivo em que se insere.

2.8 Transposição - Sistema - Forma e Sentido

No texto “Mecanismos de transposição”, publicado em Problemas de Linguística Geral II, Benveniste (1989) estuda o funcionamento dos mecanismos de transposição através da análise dos derivados em *eur*, nomes de agente, no francês moderno. Através desse estudo, o autor mostra que não há uma categoria intermediária entre essas categorias, explica que “a sintaxe e o sentido dos derivados em – *eur* são estreitamente solidários da transposição que os determina” (BENVENISTE, 1989, p.115). O referido texto mostra como se dá a transposição entre verbo e nome, e a transposição entre adjetivos e advérbios²².

Os nomes de agente em – *eur* transpõem o verbo em substantivo ou o substantivo é derivado de um substantivo com valor de “quem faz...”: *chroniqueur* de *chronique* (quem faz crônicas), *parfumeur* de *parfum* (o perfumista que faz o perfume), por exemplo, o que possibilita a expansão da classe, denominando atividades profissionais.

Vale ressaltar o exemplo de *danseur*: a) *danseur* “aquele que dança”, “o profissional, que tem a dança como profissão”, e b) *danseur* que se pode dizer que é “quem está em vias de

²² Não são tratados com maiores detalhes os exemplos trabalhados por Benveniste no texto *Mecanismo de transposição*, faz-se, sim, um apanhado do texto para que fique claro o que é a transposição citada pelo autor e, principalmente, a sua importância para que se entenda a proposta da linguística da enunciação.

dançar” em algum momento. Entretanto, essas transposições se dão através de critérios sintáticos e semânticos, distinguidas não pela forma, mas pela construção.

Benveniste (1989, p. 119) explica que “o nome transposto em – *eur* indica o desempenho atual, momentâneo, observável, coletivo, não a capacidade ou a prática individual de uma profissão, de uma ocupação permanente”. Percebe-se que transposição se dá nessa distinção, de sentido e de função sintática.

Os adjetivos em *eur* – constituem uma classe distinta, adjetivos e nomes de agente são distintos quanto à sintaxe e quanto ao sentido, constituindo duas classes. Os adjetivos se relacionam com os advérbios, “indicam uma inclinação moral, um traço dominante de caráter” (BENVENISTE, 1989, p.116), tal como, *travailleur, joueur, rieur, moqueur, etc.*

Benveniste (1989, p. 121) afirma que “não é suficiente colocar o advérbio e o adjetivo em simetria de função e dizer que o advérbio está para o verbo como o adjetivo está para o nome”. Isso possibilita ver que “na realidade o adjetivo e o advérbio pertencem a dois níveis lógicos distintos unidos por uma correlação específica” (1989, p.121). Por isso, o mecanismo dessa transposição. É função da relação particular que relaciona o adjetivo e o advérbio. Constata-se nos exemplos:

Pierre est un bon garçon (1)

Pierre est un bon marcheur (2)

Observa-se que, *bon* tem duas funções sintáticas distintas.

Em (1) *bon garçon*, ele denota a propriedade de um substantivo; em (2) *bon marcheur*, ele denota a propriedade *marcheur* (indica uma propriedade de Pierre: ele é capaz de andar longas distâncias). Poder-se-ia defini-lo em (1) como adjetivo de função primária, em (2) como adjetivo de função secundária (BENVENISTE, 1989, p.122).

Com se verificou de acordo com Benveniste, neste trabalho, consegue-se demonstrar sua visão de língua de forma clara, pois embora considere aspectos formais, não se restringe à forma. Ao tomar sistema como forma, remete ao conceito de sistema em perspectiva - a significação do signo, que é “partilhada” entre todos que usam a língua e a significação do discurso, que é “compartilhada” porque a língua e a situação são comuns aos que dele participam.

Dessa forma, propõe uma “ultrapassagem” trazendo a noção de sentido. Para isso, faz-se necessário que a língua seja vista de duas maneiras: no sentido e na forma, que vem a ser a noção de sistema para Benveniste.

Ao longo deste capítulo, buscou-se aprofundar a discussão sobre os estudos realizados por Benveniste na sua Teoria da Enunciação. Compreendeu-se a condição de uma Linguística cuja unidade é a frase, cujo objeto é a enunciação, cujo fundamento é a intersubjetividade, o discurso. A partir do próximo capítulo observam-se alguns aspectos sobre publicidade, para chegar ao gênero publicidade, o qual servirá de corpus de dados para o estudo enunciativo da palavra *assim*, em textos publicitários.

Essas considerações teóricas serão a base para fazer a análise da ocorrência do *assim* – entidade linguística escolhida, neste trabalho, para ser estudada – em textos publicitários veiculados em revistas de circulação nacional: Nova Escola, Isto É e Veja.

3 TEXTO PUBLICITÁRIO: um pouco de história

A interação na sociedade contemporânea acontece no contato com os mais diversos gêneros do discurso. Descobre-se uma língua funcionando, uma língua viva, real, pela qual as pessoas interagem, se defendem, influenciam outros sujeitos, através de textos e não em frases soltas.

Nessa aventura humana da troca, de mútua relação encontram-se os textos publicitários. Trata-se, a seguir, deste gênero que tem ampla circulação na sociedade.

A linguagem publicitária é expressa de diferentes formas, em diferentes momentos vividos na história, com traços marcantes linguisticamente. Assim sendo, a publicidade também evoluiu com o passar do tempo, devido a fatores sociais, econômicos e culturais. Por ser um gênero fortemente explorado na contemporaneidade, acompanha e sofre influência desse contexto. Importa, então, entender como se constitui o gênero publicidade.

A primeira oficina tipográfica que se instalou no Brasil surgiu no Rio de Janeiro, em 1747, mas foi extinta pouco depois por ordem do governo português. O primeiro jornal que se imprimiu no Brasil foi *A Gazeta do Rio de Janeiro*, em 1808, mas não passava de uma espécie de “Diário Oficial” do governo Português transmigado para o Rio de Janeiro. A *Gazeta* só foi possível graças à fundação, nesse mesmo ano de 1808, da Imprensa Régia pelo Príncipe Regente, D. João, já instalada a Corte no Brasil. Portanto, percebe-se que a cultura brasileira na primeira metade do séc. XVIII ainda era bastante singela, a qual foi florescer na segunda metade do século.

A publicidade é tão antiga quanto “a necessidade do homem de divulgar suas idéias, de persuadir o outro sobre seu ponto de vista, sua ideologia ou de oferecer seus serviços e produtos” (GONÇALVEZ, 2006, p. 61). A Revolução Industrial foi um marco para a publicidade, pois a partir daí o texto publicitário começa a se modificar, ou seja, modernizar-se. No Brasil, até então, os textos eram publicados nos chamados “classificados” dos jornais, pois não existiam revistas no país. Devido a sua importância, os classificados permanecem até hoje.

A estrutura linguística dos textos publicitários apresentava as seguintes características: a palavra escrita predominava como instrumento de comunicação, por isso os textos apresentavam coesão e coerência, compostos em um único período. Apresenta-se um exemplo citado em Gonçalves (2006): *Quem quiser comprar uma morada de casa sobrado, com frente para Santa Rita, fale com Ana Joaquina da Silva, que mora nas mesmas casas, ou com o*

*capitão Francisco Pereira de Mesquita, que tem ordem para vender*²³. É possível observar que o conteúdo revela a realidade social, os costumes da época e a palavras como, por exemplo, “sobrado” (referente à casa de dois pisos).

Considera-se a publicidade como gênero discursivo²⁴ que apresenta tipo específico de linguagem, na qual o produtor representa o universo sob uma determinada ótica. Possibilita a interação de diferentes signos a fim de seduzir o interlocutor de uma realidade construída.

Com a expansão da imprensa no país e o aperfeiçoamento de recursos técnicos da indústria gráfica, deu-se o avanço da publicidade. Em 1875, os anúncios publicitários adquiriram ilustrações, ganhando assim maior poder de persuasão, por ter o objetivo principal voltado ao comércio e a vendas.

A verdadeira expansão da publicidade vem no final do século XIX, com a função de tratar de um sistema capitalista, sendo que a principal característica desse sistema é o consumo. As revistas surgem no começo do século XX. Inicialmente, em termos de publicidade, equivaliam aos jornais, com anúncios ilustrados, quase ocupando as páginas centrais das revistas. No que se refere à linguagem, a grande mudança deu-se na associação da imagem ao texto descritivo, porém não chegava essa ilustração a interferir ou participar da semântica do texto, tratava-se apenas de um recurso para atrair o público.

Com o passar do tempo, o gênero discursivo evolui. Imagens, movimentos, cores participam do processo de persuasão, significam e exercem papel importante. Sendo assim, ao abordar a linguagem publicitária atual, reconhece-se que esse gênero textual está ainda mais aprimorado.

Na concepção de gênero discursivo, a noção de texto torna-se abrangente e passa a designar não apenas o linguístico, mas também a imagem como conjunto significativo. As palavras estão tão intimamente relacionadas com os demais signos e com os elementos da situação, não podem, pois, ser tomadas de forma isolada.

O texto publicitário busca convencer os indivíduos de que algum produto lhes é necessário, mesmo que muitas vezes não o seja, mas a intenção é de convencer de que deve ser adquirido. De acordo com Vestergaard (2000, p. 26), “o texto publicitário tem o intuito de aconselhar o público a julgar favoravelmente um produto/serviço ou marca, o que pode

²³ Anúncios resgatados por Pedro Nunes em “35 Anos de Propaganda” e Delso Renault em “Rio Antigo nos Anúncios de Jornais”, citados por: Marcondes; Pyr; Ramos; Ricardo, 200 Anos de Propaganda no Brasil – do Reclame ao Cyber-anúncio. São Paulo: Meio & Mensagem, 1995.

²⁴ Adota-se gênero discursivo uma vez que, nesta pesquisa, estuda-se o texto numa perspectiva enunciativa, portanto discursiva.

resultar numa ação ulterior à compra. Para isso, elogia-se o produto, louvam-se suas qualidades e seu fabricante”.

No estudo de textos devem ser feitas as seguintes observações: “O texto existe numa situação particular de comunicação. O texto é uma unidade estruturada – tem textura. O texto comunica significado” (VESTERGAARD; SCHRODER, 2000, p.14). É sob essa ótica que se analisam os textos publicitários, como um todo pleno de significações.

Esse contexto de comunicação verbal envolve o *emissor* e o *receptor*. No processo de comunicação, o *significado* é transmitido entre os dois participantes, sempre através de um *código*. No caso da propaganda, o emissor é o anunciante, o receptor é o leitor, o significado é o produto e o código é a linguagem. A seguir, aprofunda-se a função discursiva desse gênero.

3.1 Texto Publicitário: características

O texto publicitário é um gênero que se faz presente nas mais diferentes mídias, influenciando o comportamento das pessoas num circuito socioeconômico e cultural de produção. Essa condição de produção permite que a publicidade não só objetive a venda do produto como constituinte das trocas de mercado, mas também a venda de valores e normas culturais partilhadas por uma comunidade.

Para a discussão sobre gêneros, toma-se como referencial teórico Bakhtin (2003), que explica que a comunicação verbal só é possível por meio de algum gênero textual. Os gêneros materializam diferentes discursos, que são a maneira de recriar a realidade, ou seja, são conhecimentos construídos sobre alguns aspectos da realidade. Daí a ideia de gênero como ação social.

Dessa forma, em cada campo de utilização da língua, o repertório de gênero do discurso cresce e se diferencia tornando-se heterogêneo. Bakhtin (2003) pensa a língua além de um sistema, como fora proposto em Saussure. Para ele, a língua não é apenas uma combinação individual, contrapõe enunciado como ato puramente individual ao sistema da língua, como fenômeno puramente social e obrigatório para o indivíduo. A língua é um recurso linguístico para expressão da realidade, só pode ser realizada em enunciado concreto. Para o autor, a pessoa fala referindo-se a alguém através de um ato discursivo, o eu é constitutivo do outro, que vem a ser um ato de fazer; isto é, uma intenção do sujeito em relação a tu. Assim, forma-se o discurso que se dá no enunciado.

Bakhtin (2003) explica que, por ser cada enunciado particular e individual, cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os

quais denomina de gêneros do discurso. O autor explica que os gêneros do discurso organizam-se em torno de um estilo, de um conteúdo e de um tema.

A diversidade de gêneros se dá através de enunciados e não por palavras isoladas; isto é, os gêneros são também determinados pela diferença de função enunciativa. No entanto, o uso criativamente livre não é uma criação aleatória, é preciso dominar os gêneros para empregá-los livremente.

Bakhtin (2003) levanta questionamentos em relação à estilística de até então, classificando-a como fraca. Para ele, não existe uma classificação dos estilos de linguagem que tenha reconhecimento geral. Os autores frequentemente deturpam a principal exigência lógica da classificação - a unidade do fundamento. Para o autor, “as classificações até então são dadas como pobres e não diferenciadas” (BAKHTIN, 2003, p. 267). Isso porque não houve uma compreensão entre a natureza de gêneros dos estilos da linguagem com os gêneros discursivos por campos de atividade de comunicação; isto é, os gêneros eram meramente classificados.

Dessa forma, o texto publicitário torna-se “um grande produtor de imagens de civilização: imagens de estilo de vida social, política, econômica e cultural de um país” (GOMES, 1999, p. 209). Esse efeito é conseguido graças às estratégias publicitárias a serviço de empresas comerciais que visam a atingir o público consumidor.

A publicidade é um objeto de análise que oferece “uma problemática de influência social que procura fazer desejável o produto para o consumidor e, ainda, procura agir como reguladora, inovadora ou refletora de modelos sócio-culturais vigentes” (GOMES, 1999, p. 209). Esse gênero discursivo reflete, então, sistemas de valores, não só da sociedade, mas também do alvo que pretende atingir. Espera-se que o público compre o produto, mas também adote hábitos, comportamentos e modos de viver divulgados nos espaços publicitários.

Nesse sentido, constata-se que o papel da publicidade consiste não só em influenciar os consumidores no sentido da aquisição do produto, mas também em criar novas necessidades sobre tendências existentes no mercado. Ao aprimorar cada vez mais a interatividade com a sociedade é que a publicidade trabalha sua maior fonte: a comunicação. Essa comunicação pode ser verbal e não-verbal. Verbal, através de texto; não-verbal, através da fala, gestos, som e imagem.

Portanto, o texto publicitário não propõe um conteúdo com informações diretas e interpretáveis. Segundo Gomes (1999), propõe valores, ética, sentido, ideologias, necessidades e uma “enunciação disfarçada”. Isso acontece porque a comunicação publicitária busca influenciar, persuadir, convencer, mudar comportamentos na sua audiência.

Qualquer situação de comunicação humana compreende a produção de enunciado por alguém e a recepção deste enunciado por um outro. Nessa perspectiva, quem produz o texto tenta manipular o outro, objetivando o êxito na reação esperada; ou seja, o consumo do produto. Linguagem é, aqui, interação, pois os parceiros influenciam-se mutuamente. A agência publicitária, que é a instância de produção, faz crer ao destinatário, o consumidor ou leitor, que ele tem uma falta que precisa ser preenchida.

Esse convencimento se dá pela exposição de um produto dotado de valores positivos que atendam à necessidade. O consumidor é levado a um dever-fazer: apropriar-se do produto para satisfazer as suas necessidades.

A importância à linguagem dada pela sociedade atual, em que o homem encontra-se mergulhado em um mundo de signos, favorece a exploração de gêneros como a publicidade. São palavras, sons, imagens e gestos, que dinamizam e se integram na troca de informações, na criação e na representação do universo. O texto publicitário utiliza, principalmente, “o sistema linguístico para difundir uma mensagem de renovação, progresso, abundância, lazer, felicidade, beleza; concilia o princípio do prazer com a da realidade, indicando o que se deve ser usado, vestido, calçado, comprado” (TOLDO, 2003, p. 27). A comunicação publicitária é dotada de intencionalidade e veiculadora de modelos, através de uma linguagem em ação sobre o mundo.

A linguagem verbal – a palavra – é observada neste estudo, sob a ótica da Linguística da Enunciação, defendida por Benveniste (1989). Nessa teoria, Benveniste desenvolve vários conceitos, dentre os quais se destaca a análise do enunciado, investido de uma dupla significância. Com o Semântico, entra-se no modo específico de significação que é proporcionado pelo discurso. A mensagem não se reduz a uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente; não é uma adição de signos que produz sentido. É, ao contrário, o sentido (o “intencionado”) concebido globalmente, que se realiza e se divide em “signos” particulares, que são as palavras. O semiótico (o signo) deve ser reconhecido; o semântico (o discurso) deve ser compreendido.

Sendo assim, vale destacar Aumont (2001) em Toldo (2003, p. 38), que trabalha

a ideia de que, quando se colocam em cena, a palavra e imagem adquirem uma necessidade de interrelação. Se a imagem significa, contém sentido, e esse sentido tem de ser “lido” por seu interlocutor. Aqui, inscreve-se a leitura da imagem e da palavra juntas, esculpindo no mesmo espaço uma possibilidade de construção de sentidos.

A imagem só tem dimensão simbólica porque possui a capacidade de significar. Benveniste (1989, p. 66), defende que “a língua é o único sistema em que a significação se articula em duas dimensões”. Daí se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância.

A análise a seguir será apresentada sob o viés da Teoria da Enunciação, na qual o valor de um signo se define somente no sistema que o integra. Neste caso, os estudos de Benveniste serão o amparo teórico para observar e analisar a ocorrência da palavra *assim* em textos publicitários, que trazem as características e peculiaridades aqui apresentadas. Este estudo não fará uma descrição da organização do texto publicitário, mas da entidade lexical *assim* empregada em publicidades e constitutiva de sentido neste universo enunciativo.

Dessa forma, a semiótica da língua refere-se a formas, pertence à língua e é partilhada por todos, mas sua significação é distintiva, implica reconhecimento. Enquanto o semântico está no campo do discurso, ou seja, na frase em que o sujeito se insere na língua. A partir de agora, semiótica e semântica não mais serão apresentados como dicotomias e sim como ações complementares para a construção do sentido.

É pela fusão da forma e sentido que se dá o discurso. Essas questões serão observadas nas ocorrências do *assim*, nas peças publicitárias que constituem o *corpus* deste trabalho. Na análise de um gênero de ampla circulação na sociedade e que exerce função importante numa sociedade de consumo, busca-se perceber o sentido construído nessa situação real de uso da língua, a publicidade.

Considerando esses aspectos, depreende-se que estudar a linguagem na teoria da enunciação é estudá-la sob o ponto de vista semântico, referente ao sentido, não desconsiderando os demais níveis de análise linguística como: morfologia, sintaxe, etc., pois estes também estão submetidos ao sentido.

Para dar conta dessa análise, parte-se para o estudo enunciativo da palavra *assim* dentro da teoria adotada, que focaliza a palavra na prática discursiva.

4 ESTUDO ENUNCIATIVO DA PALAVRA *ASSIM*

Neste capítulo, procede-se à análise enunciativa da palavra *assim* em textos publicitários. Essa análise será acompanhada de uma reflexão à luz da Teoria da Enunciação, apresentada em capítulo anterior.

Inicialmente chamamos a atenção para a noção de sintaxe que neste estudo é apresentada de forma diferenciada das outras teorias, a exemplo da Teoria Gramatical, em que a sintaxe é determinante do sentido. Na Enunciação, a sintaxe envolve a língua em uso, é a palavra no enunciado, em convívio com outras palavras, apresentando um sentido compatível com a ideia que é expressa.

Nessa perspectiva, o sentido requer uma sintaxe, que vem a ser a organização de palavras promovidas pelo sujeito ao expressar uma ideia. O sujeito atribui referência através de um processo denominado sintagmatização-semantização, apresentado por Benveniste (1991), em suas reflexões numa linguística da enunciação, termo que apresenta o sujeito implicado no exercício da língua.

Ao tratar a noção de *palavra*, relaciona-se ao que Benveniste (*apud* FLORES, 2008) chamou de “quadro da língua” e “quadro da enunciação”, isso porque há a possibilidade de uma dupla significância, a significância do signo e a significância da frase. Sabe-se que tratar da noção de palavra é tratar noção de frase, isso implica estudar o funcionamento da língua e de todas as implicações relativas a esse funcionamento. Neste estudo, dedicamo-nos a isto: estudar a ocorrência de *assim* em seu funcionamento no universo discursivo da publicidade.

Com o propósito de considerar a língua como função e não como código, é chegada a hora de pensar como é abordada essa questão sob o olhar descritivo de um aspecto referente ao uso linguístico em textos publicitários. É fato que não se encontra na obra de Benveniste a palavra “gramática” como conceito e sim como fonte de reflexão, em que o observável é as marcas da enunciação no enunciado. As análises apresentadas, a seguir, respeitam, primeiramente, aspecto morfológico, sintático e semântico da palavra observada.

Para a realização deste trabalho, selecionaram-se publicidades veiculadas em revistas de relevante aceite do público em geral. São elas: *Veja*, *Isto é* e *Nova Escola*. A metodologia e do *corpus* de análise são apresentados na sequência.

4.1 Metodologia de Análise

A metodologia usada para a realização deste trabalho parte da leitura e do estudo da obra de Émile Benveniste, a fim de que se possa realizar um estudo enunciativo da palavra *assim*, em gênero discursivo publicidade.

Para a realização da análise, retomam-se os aspectos teóricos que embasam este trabalho, já apresentados no capítulo 1, 2 e 3. Sabe-se que tratar de enunciação é entender que a língua é posta em funcionamento por *um ato individual de utilização*. Com as análises, busca-se, de forma especial, atender aos objetivos específicos, quais sejam, observar e analisar a questão referente à construção de sentido da palavra *assim* no enunciado, em publicidades, a partir da relação entre a teoria enunciativa apresentada no texto publicitário.

4.1.1 Metodologia

O método científico parte da observação de fatos a partir de determinado pressuposto teórico. Ao observar a língua em uso, destaca-se o uso da palavra *assim* e procura-se descrevê-la e explicá-la tendo como pressupostos os fundamentos teóricos de uma linguística da enunciação pensada por Émile Benveniste em seus estudos (1989, 1991). Reitera-se que Benveniste não desenvolveu propriamente um modelo de análise da enunciação. Sua obra pontua questões referentes à “presença do homem na língua”, em que ele teoriza e analisa simultaneamente atos enunciativos. Nesse contexto, busca-se, na teoria de Benveniste, a proposta da linguística enunciativa, na qual forma e uso estão articulados no processo de constituição de sentidos que se instauram na organização do discurso, manifestando-os.

O *corpus* que constitui o material de análise é formado por sete publicidades veiculadas em revistas que circulam no país, semanalmente e mensalmente. São elas: *Nova Escola*, *Isto É* e *Veja*, especificamente no período compreendido entre 2008 e 2009. O critério de seleção das publicidades apresentadas a seguir é a ocorrência da palavra *assim*. Opta-se por não delimitar quantidade específica e igual de cada revista, por isso têm-se três propagandas da revista *Isto é*, duas propagandas da *Veja* e duas da *Nova Escola*. A escolha das referidas revistas deu-se devido às ocorrências da palavra *assim*, nas publicidades anunciadas nos respectivos veículos de comunicação.

A fim de possibilitar o estudo dos textos publicitários selecionados para o trabalho, traça-se um perfil de análise, levantando algumas etapas fundamentais para orientar o trabalho analítico. A análise está organizada da seguinte forma:

a) apresentação do texto a ser analisado.

b) observação da palavra *assim* no enunciado considerando os preceitos referentes às gramáticas pontuadas no primeiro capítulo desta pesquisa: a tradicional, a normativa e a de usos.

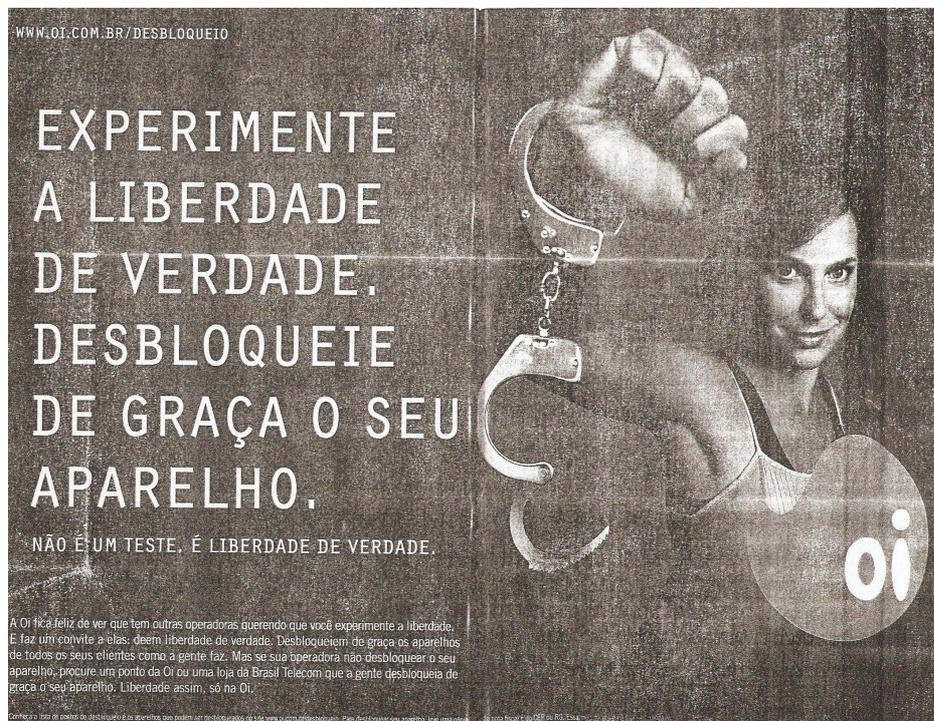
c) efeito de sentido da palavra *assim* construído no texto, numa perspectiva enunciativa em que se respeitará as questões teóricas apresentadas no capítulo sobre a Teoria da Enunciação.

Vale ressaltar ainda que se fará uma descrição da linguagem não verbal do texto. Em seguida, a análise verbal. Destaca-se que a linguagem não verbal não será objeto de análise neste estudo e nem apresenta questões teóricas específicas para sua análise. Aqui, a imagem nos textos publicitários analisados será vista como uma linguagem colaborativa na construção do sentido do texto como um todo. Caso haja necessidade, far-se-á um recorte de algum aspecto importante na imagem para entender o texto base analisado. Tenta-se atingir o sentido único do centro de referência *eu-tu-aqui-agora* de cada enunciação.

Para finalizar, busca-se o sentido da palavra *assim* no enunciado sob o viés da linguística da enunciação. Após leitura referente à Teoria citada, pode-se afirmar que a noção de sistema servirá para atribuir à língua a condição de interpretante, e a noção de signo funcionará como operador da relação interpretante-interpretado. Considerando que a unidade da língua é a frase, toma-se a língua toda como sintagmática. Ao descrevê-la dessa forma, reconhece-se a língua como um sistema tomado por quem a utiliza como valor de referência. Ao buscar compreender como esse papel é desempenhado, verificou-se que a palavra participa das séries associativas e coordenativas, responsáveis pela atribuição de significação. Nesse sentido, lembra-se que sentido e sintaxe são noções indissociáveis, de acordo com Benveniste, uma vez que sentido também pode constituir forma, referência singular que se pluraliza, expressando distinção relativa aos demais signos do sistema, e sintaxe é a concretização da ideia, não se dá na linearidade, as palavras que exprimem sentido próprio sob influências recíprocas. Através dessa perspectiva, parte-se para a análise propriamente dita.

4.1.2 Análises

Texto 1



O texto publicitário em análise foi publicado na Revista *Isto É*, edição 2008, ano 31, número 2034, do dia 29 de Outubro de 2008, páginas 54 a 55. O texto, em que predomina a linguagem não-verbal, ocupa a página 54 inteira, enquanto a linguagem verbal predomina na página 55. Em função disso, para a análise de ambas as páginas, apresenta-se, primeiramente, o texto não-verbal e o enunciado da publicidade e, após, a análise do texto verbal. Para a presente análise foram feitos recortes, a fim de dar mais precisão ao foco de interesse, qual seja, o estudo enunciativo da palavra *assim*, em tais enunciados.

A apresentação da linguagem não verbal é bastante significativa. A cor utilizada de fundo é azul aproximando-se de roxo, o nome da empresa é posto em evidência sendo apresentado dentro de um círculo amarelo ouro. No lado esquerdo, aparece a figura de uma jovem com algema aberta em apenas uma das mãos. Em letras maiores é apresentado o seguinte texto:

Desbloquear seu aparelho é o primeiro passo pra se libertar da mesmice. Vá a sua operadora e exija o desbloqueio.

Logo abaixo, é apresentada a sequência do texto:

A OI chegou a São Paulo para libertar você da mesmice. Pra entrar na OI, você nem precisa comprar vá a uma loja de sua operadora e desbloqueie o seu aparelho. E não aceite desculpas, exija um aparelho novo. Basta colocar um OI Chip em qualquer aparelho desbloqueado. Por isso, desbloqueio. Dê adeus à mesmice. Transforme seu celular num OI. Liberdade assim só na OI. Simples assim.*

Vale ressaltar que é o nome da empresa que chama a atenção do leitor por ter um acentuado destaque, através do realce da cor.

Análise 1

A Palavra *Assim* no Texto

Observa-se que este texto possui uma característica dos textos publicitários: presença acentuada de imperativo. A opção por esse modo verbal organiza o texto de forma a que se imponha sobre o receptor da mensagem, persuadindo-o, seduzindo-o. Busca-se envolver o leitor com o conteúdo transmitido, levando-o a adotar este ou aquele comportamento. Por exemplo: “vá a sua operadora e exija o desbloqueio”, “Dê adeus à mesmice”. “Transforme seu celular num OI”. Na sequência são mostradas as vantagens propostas pela empresa e finaliza-se o texto com as seguintes frases:

- a) Liberdade *assim*, só na OI.
- b) Simples *assim*

A presente análise parte de uma observação de um recorte da propaganda, isto é, em enunciado a) liberdade *assim* só na Oi, e enunciado b) simples *assim*, sendo que ambos serão analisados primeiramente sob o aspecto da gramática tradicional e da funcional, respectivamente. Analisa-se cada enunciado separadamente e, a seguir, apresentam-se considerações sobre a totalidade.

Liberdade *assim* só na Oi

De acordo com a gramática tradicional, a palavra *assim* pertence à classe gramatical de adjetivo. Enquanto sintaticamente, a frase apresenta *liberdade assim* como sujeito da frase e o núcleo do sujeito corresponde à palavra liberdade. Tem-se um verbo implícito na frase “Liberdade assim só (existe/tem/encontra-se) na Oi”, a palavra *assim* exerce a função de adjunto adnominal, qualificando o nome.

Simples *assim*

Nesse enunciado a palavra *assim* morfologicamente aparece como adjetivo. Enquanto sintaticamente o *assim* é classificado como adjunto adnominal.

A perspectiva funcionalista Neves (2004), por sua vez, coloca como foco de observação a construção do sentido, especialmente no que se refere à organização regida pela função textual. Tem presente que o uso da linguagem e a produção textual se fazem através de interação, refletindo sobre direções que podem tomar as análises de enunciados. Visa ao conjunto de propósitos para estudar a língua em função, e não apenas as estruturas do enunciado.

De acordo com essa perspectiva Neves (2004), a palavra *assim* pertence ao eixo semântico-funcional, como um caso de realce. A palavra *assim*, como advérbio periférico é sintagma com valor adjetivo. A proposta funcionalista coloca as combinações oracionais do tipo adverbial como preparatórias de *frames* (molduras vazias), isto é, permite espaço mental para conferir saliência ou realce a essas porções (palavras), qualificando-as com referência a tempo, lugar, modo, causa ou condição, com alto grau de dependência organizacional.

Dessa forma, é na interação que se resolve a atribuição de caráter nuclear ou suplementar às partes: quem fala ou escreve já constrói seu texto projetando sua expectativa do julgamento do leitor ou ouvinte sobre a nuclearidade ou suplementaridade das partes, isto regido cognitivamente.

Palavra *assim* no Texto

Seguindo a metodologia proposta para a presente análise, é na perspectiva enunciativa, que a frase ou enunciado apresenta-se como singular, particular, reveladora de quem a expressa e da situação que, *na* e *pela* enunciação, se constitui. Sendo assim, um sentido remete a uma sintaxe, pois é o *enunciado* que constitui o *sentido único* ou a referência da enunciação.

Liberdade *assim* só na OI

A relação semiótica entre sistemas se dá numa relação entre sistema interpretante e sistema interpretado. Então, a palavra *assim* possui uma forma que em uso promove diferentes efeitos de sentidos relativos à liberdade. As formas linguísticas não são uma mera abordagem formal, mas uma questão de classificação. Pelo contrário, a língua está impregnada de sentidos que se constituem no interior dos discursos. Ao enunciar “Liberdade *assim* só na OI”, o locutor não define a palavra *assim*, porque ela tem um caráter implícito que evoca no leitor o tipo de liberdade; ou seja, a liberdade de escolha.

A palavra estabelece sentido no momento em que ele significa algo, ou seja, no enunciado, pois na visão benvenistiana há determinados signos que atingem sua plenitude no momento em que se estabelece referência no enunciado.

Por outro lado, a relação semântica dá-se através da língua como instrumento da descrição e do raciocínio, a expressão do sentido resultante da relação do signo com o contexto, ou seja, o modo de significar do enunciado (discurso). No enunciado, “Basta colocar um Oi chip em qualquer aparelho desbloqueado”. “Por isso, desbloqueio”, aponta a um diferencial da empresa, entende-se que o “Oi chip” serve para desbloquear qualquer marca de aparelho celular, desbloqueio, portanto vem a ser sinônimo de liberdade que somente a operadora “Oi” proporciona ao cliente “Liberdade *assim* só na Oi”.

A atribuição de sentido indicando a pessoa é observada através da fusão forma e sentido em que se dá o discurso, explicando a dupla significância da língua proposta por Benveniste. A imagem utilizada na propaganda interrelacionada com o texto mostra a mulher com as algemas abertas e com uma expressão facial que demonstra satisfação. O “eu” (publicitário) que diz ao seu “tu” (leitor) que se ele tiver um OI ele será livre, pois poderá ligar para onde e quem quiser, pode-se referir nesse momento à categoria pessoa, *eu*, ao dizer *eu*, institui o *tu*. Numa perspectiva enunciativa não interessa saber qual a classe gramatical ou qual a função sintática da palavra no texto, mas que valor sintático-semântico ela é capaz de constituir, o sentido da palavra no enunciado.

Ainda, ao afirmar que “liberdade *assim* só na Oi”, remete ao sentido de lugar, na frase “A Oi chegou a São Paulo para libertar você da mesmice. Pra entrar na OI, você nem precisa comprar vá a uma loja de sua operadora e desbloqueie o seu aparelho*”. É necessário perceber nesse momento e nessa ocorrência linguística que o *eu-tu-aqui-agora* manifesta o dizer e revela quem usa a língua, instaurando *aqui-agora*, o tempo linguístico, cuja singularidade é o fato de estar organicamente ligado à fala e de se organizar em função do discurso.

Simple *assim*

Nessa ocorrência, o sentido estabelecido pela palavra *assim* vem ao encontro do que preceitua Benveniste (1991, p. 279), em relação ao interlocutor do discurso: “tu é o indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância linguística tu. (...) pouco importa que essas formas devam figurar explicitamente no discurso ou possam aí permanecer implícitas”. Os implícitos nas palavras *simple* e *assim* decorrem do efeito de sentido produzido pelo enunciado como um todo. Ao desbloquear o aparelho, os serviços oferecidos pela operadora são disponibilizados no ato e, ainda com o diferencial, nem precisa comprar é

só entrar e dispor dos serviços oferecidos pela empresa, reforçando com o seguinte enunciado: todos os benefícios oferecidos na propaganda são simples *assim*.

Texto 2

AMD
Turion X2
64

HP recomenda o Windows Vista® Home Premium.

BONITO, DIVERTIDO,
MODERNO. NO QUE
MAIS VOCÊ QUER
SER PARECIDO COM
O SEU NOTEBOOK?

FINANCIAMENTO
COMPLETO POR
11000 R\$ ANUAIS

Você é assim, está sempre lendo e-mails, falando com os amigos, baixando e ouvindo músicas, vendo shows e filmes? E o seu notebook, diz tudo isso a seu respeito? Acesse hp.gizmodo.com.br e dê sua opinião.

Conheça a nova linha de notebooks HP Pavilion série dv5. Acesse hp.com.br/colecao2k9



©2008 Hewlett-Packard Development Company, L.P. Microsoft e Windows são marcas registradas ou marcas comerciais da Microsoft Corporation nos Estados Unidos e em outros países. ©2008 Advanced Micro Devices, Inc. Todos os direitos reservados. A sigla AMD, o logotipo de seta da AMD, o AMD Turion e as combinações resultantes disso são marcas registradas da Advanced Micro Devices, Inc. Consulte opções de pagamento e financiamento na loja de sua preferência. Produtos beneficiados pela Lei de Informática. Imagens meramente ilustrativas. Nem todos os recursos do Windows Vista estão disponíveis nos Windows Vista Capable PCs. Todos os Windows Vista Capable PCs executarão os recursos mínimos da versão do Windows Vista Home Basic. Os recursos Premium, como a nova interface do usuário Windows Aero, disponíveis em outras edições do Windows Vista requerem hardware avançado ou adicional. Para obter detalhes, visite o site www.windowsvista.com/getready.

A segunda publicidade analisada foi veiculada na Revista *Isto É*, no mês de dezembro de 2008, ano 31 nº 2040, Edição Especial, página 67. A linguagem não-verbal é apresentada com o uso da imagem e pela tonalidade de cor amarela. A marca do produto aparece no lado esquerdo no alto da página, enquanto que no lado direito, na parte inferior da página em cor azul escuro e letras brancas, aparece o nome do produto oferecido e no centro da página a imagem de um “Notebook” de cor prateada.

Análise 2

A linguagem verbal é predominante na propaganda. Na parte superior da página aparece o seguinte enunciado:

“HP recomenda a Windows® Vista Home Premium”.

Ao lado esquerdo da imagem do *notebook* aparece o enunciado:

“Bonito, Divertido, Moderno. No que mais você quer ser parecido com o seu Notebook?”

Ao lado direito, está o enunciado:

Finalmente, o computador ficou pessoal.

Abaixo da imagem do aparelho segue o enunciado:

Você é assim, está sempre lendo e-mails, falando com os amigos, baixando e ouvindo músicas, vendo shows e filmes?

E o seu notebook, diz tudo isso a seu respeito?

Acesse hp.gizmodo.com.br e dê sua opinião.

Conheça a nova linha de notebooks HP Pavilion série dv5.

Acesse hp.com.br/colecao2k9

Levando em consideração as gramáticas tradicional e normativa, pode-se afirmar que morfologicamente a palavra *assim* liga-se à categoria de adjetivo (pois é convocado por um verbo de ligação “é”), e sintaticamente a palavra *assim* tem função de (predicativo)²⁵.

Palavra *assim* no texto

Enquanto que *Você é assim*, de acordo com a gramática funcional, pode ser dita como uma oração adverbial. De acordo com Moura Neves (2000), os advérbios podem ser qualificadores de uma ação, um processo ou um estado, isto é, modificam propriedades de verbos e adjetivos. Têm, pois, uma função correspondente dos adjetivos qualificadores, acrescentando isso ao que dizem as gramáticas tradicional e normativa.

Diferente é o olhar enunciativo. Palavra, quanto à significação, é sempre dupla: *é forma* e *é sentido*, enquanto o signo é apenas forma, e a frase é só sentido (LICHTENBERG, 2006). É por esta razão que a palavra *assim*, tomada em uma situação de emprego - *Você é assim, está sempre lendo e-mails, falando com os amigos, baixando e ouvindo músicas, vendo shows e filmes?* reconstitui “uma definição coerente do conjunto de suas particularidades

²⁵ Neste enunciado temos um verbo de ligação (é), então podemos pensar como um valor de modo, em “como” você é: assim.

semânticas e gramaticais” (BENVENISTE, 1995, p. 141); ou seja, a palavra *assim* significa tudo o que o sujeito é, bonito, divertido, moderno....

Ao mencionar que *Finalmente, o computador ficou pessoal*, sugere que quem possuir um aparelho como o que está sendo oferecido terá um objeto que condiz com o dono. Na frase que está no alto da propagando diz: *HP recomenda a Windows® Vista Home Premium*, a palavra “recomenda” aponta ao perfil da pessoa que deverá ser usuário do aparelho, com a frase *Você é assim,... E o seu notebook, diz tudo isso a seu respeito?*. Ao lançar esse questionamento o locutor leva o alocutário a uma reflexão, dependendo da resposta vai ocorrer a venda do produto.

Desta forma, o “eu” (publicitário) sugere ao “tu” consumidor que se ele comprar um HP, ele será uma pessoa que lê, fala com amigos, baixa e ouve músicas, vê filmes, ou seja, será uma pessoa informada e por isso será diferente de quem não tem o computador oferecido. Esse “assim” reúne essas características colocadas no texto. O sentido construído pela palavra “assim” ultrapassa toda e qualquer classificação morfosintática, pois o que interessa é saber que sentido ela possui. Quem sabe numa perspectiva enunciativa, pode-se dizer que sintaticamente se está diante de um adjetivo, na medida em que ele reúne e dá característica para quem tem um computador como o apresentado na publicidade.

Verificamos que a publicidade tem como objetivo primeiro despertar o desejo pela coisa anunciada. Isso faz com que o indivíduo mergulhe numa euforia de sedução, de consumo, de compra, de necessidade. Esse é o sentido a ser desvelado pelos mecanismos usados – na publicidade – ao se apropria da língua e produzir discursos.

Referente ao sentido enunciativo da palavra *assim* na frase *Você é assim,*, remete à categoria de adjetivo, pois estão implícitas todas as qualidades descritas no enunciado como um todo. Esse processo se dá através dos mecanismos de transposição, processo no qual as palavras estabelecem uma unidade sintagmática, ou seja, se categorizam de acordo com o sentido que elas estabelecem na frase.

Portanto, essa relação dupla e reversível, por ser sempre única, considerando a palavra na frase, é relativa a inter-relações que se estabelecem entre as palavras que constituem o enunciado.

Texto 3

Anúncio de classificados assim é a primeira vez que você vê.

E um sedan com interior tão bonito e espaçoso assim, também.

I-System que permite a interatividade com diversas funções do veículo.

Volante com regulagem de altura e profundidade

Mais espaço e melhor ergonomia para motorista e passageiro

Porta-malas espaçoso com exclusiva abertura interna elétrica

A partir de R\$ 30.990,

A análise que segue foi veiculada na Revista *Isto É*, edição 2008, ano 31, número 2034, do dia 29 de Outubro de 2008, páginas 62 e 63. Na propaganda aparece centralizado um veículo da marca Volkswagen, de cor vermelha. A cor de fundo aparece na tonalidade cinza claro que vai escurecendo gradativamente. No enunciado da página 62, aparece primeiramente um recorte que lembra um anúncio de jornal na parte superior esquerda, com o texto:

COMPREI

Comprei o novo Voyage. E não vou vender de jeito nenhum. Afinal, ele é gostoso de dirigir, tem câmbio com engates muito precisos. I-System, volante com regulagem de altura e profundidade... peraí, por que eu estou falando tudo isso? Eu não vou vender mesmo.

Ao lado aparece o seguinte enunciado:

Anúncio de classificados assim é a primeira vez que você vê.

Na página ao lado, na mesma altura dando noção de continuidade do texto, segue o enunciado:

E um sedan com interior tão bonito e espaçoso assim, também.

Para melhor compreensão do sentido produzido pela palavra “assim” em análise nesta publicidade, serão discriminados como enunciados a e b para análise, de acordo com as gramáticas tradicional e normativa.

Análise 3

No enunciado a) *Anúncio de classificados assim é a primeira vez que você vê.*

Numa perspectiva das gramáticas tradicional e normativa, pode-se afirmar que morfologicamente a palavra *assim* classifica-se como adjetivo, e sintaticamente a palavra *assim* tem função de adjunto adnominal, pois está junto do sujeito. A gramática de usos apresenta a palavra *assim* como advérbio de modo, pois têm a função correspondente à de adjetivo qualificador, em relação aos substantivos.

Em b) *E um sedan com interior tão bonito e espaçoso assim, também.*

Morfologicamente, a palavra *assim* classifica-se como adjetivo, característica do nome espaçoso.

Sintaticamente, a palavra *assim* tem função adjunto adverbial. O advérbio pode aparecer junto a um nome ou adjetivo. Aqui temos a perspectiva da gramática de usos, que a palavra *assim* é advérbio periférico, com valor adjetivo.

Palavra *assim* no texto

Considerando o foco de análise, de acordo com a gramática funcional, tanto em a quanto em b, a palavra *assim* aparece como realce, pois também remete à referência de que *é a primeira vez que você vê* anúncio de classificados *assim* e um sedan com interior tão bonito e espaçoso. A palavra *assim* retoma a ideia principal do texto, que é a inovação do carro da Volkswagen.

Não há como negar que a publicidade invadiu a vida das pessoas, trazendo cor, beleza, tecnologia, informação, alegria. Mas ela oferece aos desejos humanos um universo subliminar que insinua que a juventude, a saúde, a virilidade o ter dependem daquilo que se compra, por exemplo um carro como esse anunciado.

Voltando-se à perspectiva enunciativa, a atribuição de referência em:

a) *Anúncio de classificados assim é a primeira vez que você vê*, atribui à inovação de anunciar *assim* a um jeito novo, em que o cliente anuncia a compra e não a venda do produto, e em

b) *E um sedan com interior tão bonito e espaçoso assim, também*, a palavra *assim* implica a ideia do sujeito em relação ao automóvel, expressa as suas qualidades.

As implicações no texto do alto da página 62, em que o sujeito enuncia: “*Comprei o novo Voyage. E não vou vender de jeito nenhum. Afinal, ele é gostoso de dirigir, tem câmbio com engates muito precisos. I-System, volante com regulagem de altura e profundidade...*

perá, por que eu estou falando tudo isso? Eu não vou vender mesmo”, em referência à satisfação do sujeito quanto às qualidades de seu automóvel.

A categoria de pessoa *eu* quem não quer vender o carro; e *tu* um possível comprador do carro; desta forma, percebe-se a constituição de reciprocidade: o ato por meio do qual *eu* se constitui como sujeito constitui *tu*. *Eu* e *tu* são mutuamente constitutivos, *tu* é implícito ao dizer de *eu*. Ao dizer que *eu* não quer vender carro implica que o *tu* é um possível comprador. A noção de referência, a *não-pessoa* (ele) nesse enunciado é o carro, ou seja, de quem se fala.

Dessa maneira, confirma-se que *língua-discurso*, sob a noção de *significação*, apresenta a noção de *semiótico* e a noção de *semântico* constituindo uma superposição. São, portanto, opositivas e constitutivas, as noções de *significação na e da língua* e de *significação no e do discurso*, porque a língua é um todo, basta que o sentido seja convocado e percebem-se as conversões que a língua propõe. Observa-se que em a palavra *assim*, sintaticamente funciona de uma forma, enquanto em b de outra. Isso comprova que há sempre um outro sentido – que se verifica nos estudos dos mecanismos de transposição em Benveniste - muitas vezes é inútil a tentativa de enquadramento²⁶ do fenômeno língua.

²⁶ Enquadramento: termo usado no texto de Sônia Lichtenberg, Tese de doutorado intitulada *Sintaxe da enunciação: Noção Mediadora para reconhecimento de uma linguística da enunciação* (2006, p. 94).

Texto 4

"O Brasil precisa de mais gente assim"

Fonte: revista *Veja*, edição 2050 - ano 41 - nº 9 - 5-3-2008

Victor David Santos, Wilson Nunes Hirata, Cindy Yuchi Tsai, André Hahn Pereira e Matheus Barros de Paula

Foto: Laílson Santos

Esta foto, com a frase acima, ilustra reportagem sobre jovens talentosos em ciências. Todos os cinco jovens da foto são alunos do Colégio Objetivo. Eles, junto com outros colegas do Objetivo, já conquistaram mais de mil medalhas em olimpíadas científicas, nacionais e internacionais.

1.283 medalhas em olimpíadas científicas, nacionais e internacionais

Parabéns, alunos e professores!

Colégio OBJETIVO
Educação de qualidade
0800 77 11 909 • www.portal.objetivo.br

Para realização desta análise, selecionou-se o texto apresentado na Revista *Nova Escola*, ano XXIII, número 211, abril de 2008, página 19. A propaganda do Colégio Objetivo traz em uma página a imagem de adolescentes, os quais são alunos do Colégio. As cores utilizadas são em tons de verde, azul e branco. A expressão facial dos alunos é de felicidade, pois são ganhadores de medalhas em olimpíadas científicas.

Na parte superior, centralizado, aparece o enunciado “*O Brasil precisa de mais gente assim*”, visualiza-se a fonte da propaganda logo abaixo: Revista *Veja*, edição 2050 - ano 41- nº 9 -5-3-2008.

Abaixo da foto dos jovens estão elencados seus nomes: Victor David Santos, Wilson Nunes Hirata, Cindy Yuchi Tsai, André Hahn Pereira e Matheus Barros de Paula. Consta, ainda, a indicação do fotógrafo: Laílson Santos.

Segue, então, o texto:

Esta foto, com a frase acima, ilustra reportagem sobre jovens talentosos em ciências. Todos os cinco jovens da foto são alunos do colégio Objetivo. Eles, junto com outros colegas do Objetivo, já conquistaram mais de mil medalhas em olimpíadas científicas, nacionais e internacionais.

Ao lado, dentro de um círculo, aparece a seguinte frase: *1.283 medalhas em olimpíadas científicas, nacionais e internacionais.*

Abaixo, no lado esquerdo: *Parabéns, alunos e professores!*

Ao lado, é apresentada a logomarca do Colégio: *Colégio Objetivo - Educação de qualidade.*

Com a visão do contexto discursivo, no qual há ocorrência da palavra *assim*, apresenta-se a análise do enunciado em que está a palavra em estudo.

Análise 4

Numa perspectiva das gramáticas tradicional e normativa, pode-se afirmar que em “O Brasil precisa de mais gente *assim*” a palavra *assim* morfologicamente classifica-se como adjetivo, e sintaticamente a palavra *assim* tem função de adjunto adverbial modal (precisa = verbo transitivo indireto, gente = objeto indireto, *assim* remete à forma como agem as pessoas da foto; portanto, adjunto adverbial modal).

Sob a perspectiva funcional nessa situação a palavra *assim* consta como advérbio de modo, pois tem uma natureza pronominal, funcionando como referenciador textual. Em Moura Neves (2000), os advérbios de modo constituem a subclasse mais característica dos advérbios, já que eles são qualificadores de uma ação, um processo ou um estado, isto é, modificam propriedades de verbos e adjetivos. Têm, pois, uma função correspondente à que tem os adjetivos qualificadores, em relação aos substantivos.

Palavra *assim* no Texto

De acordo com Benveniste, para compreender a integração *no* discurso, foi considerada a noção de *palavra*, “palavras, instrumentos da expressão semântica, são materialmente signos do repertório semiótico” (BENVENISTE, 1989, p.233), é porque por ser palavra – ou estar palavra não perde a condição de signo: é palavra porque é signo integrado à frase, ou seja, atribuição de referência a *eu-tu-aqui-agora*.

Na frase “O Brasil precisa de mais gente *assim*”, a palavra constrói um sentido referente ao estereótipo de pessoas de que o país precisa. A implicatura da palavra *assim* no

enunciado remete ao perfil de pessoas que o mercado de trabalho requer: inteligentes, alegres, conquistadoras, desafiadoras, objetivas, jovens e, acima de tudo, talentosas. E, nesse contexto, é o que o Colégio Objetivo forma.

A categoria pessoa *eu* – publicitário que anuncia o Colégio Objetivo; o *tu*, o futuro aluno, como vimos anteriormente, é a tomada da palavra que instaura a noção de subjetividade, esta noção precede à noção de intersubjetividade, já que a enunciação prevê sempre *eu-tu*.

Nesse enunciado, podemos observar o que Flores (2008) situa em dois momentos, ou seja, a relação entre o par lingüístico que constitui a noção pessoa. Primeiro, em uma relação temporal definida, apresenta-se a transcendência de *eu* quanto a *tu*. Segundo, tem-se a subjetividade como relação. Inicialmente *tu* é apresentado como privado da língua – descrição da oposição da noção de *pessoa eu-tu*; em seguida, pela possibilidade de reversibilidade, a noção de pessoa passa a ser vista como unidade constitutiva, o que possibilita a relação de oposição *pessoa/não-pessoa*.

A não-pessoa neste ato é o Colégio Objetivo que é falado. Afinal é dele que se fala. Nesse momento destaca-se a noção de pessoa sob a noção de intersubjetividade, dada a impossibilidade de dissociar *eu-tu*. Intersubjetividade, entretanto, perpassa à noção de pessoa, é relativa a tempo e espaço, referência atribuída, *na* e *pela* enunciação. Neste caso, temos uma unidade constitutiva pela relação de oposição a não-pessoa e a categoria de lugar – o Colégio. O *tu* e *ele* tem o mesmo referencial, que se coloca em sua devida função no enunciado.

O texto publicitário caracteriza-se, fundamentalmente, pela utilização de instrumentos que têm como objetivo mudar ou conservar determinada opinião ou crença de um público determinado. O Colégio Objetivo pode mudar a vida das pessoas que estudarem lá, pois elas terão acesso a um conhecimento que em outros colégios talvez não se tenha, pois eles não ofereceriam isso ao seu público. Percebe-se o poder de persuasão que a publicidade exerce, um papel importantíssimo em sociedades capitalistas, pois, muitas vezes, é a mola mestra para provocar mudanças no comportamento (intelectual, físico, emocional) das pessoas. A mensagem publicitária usa, principalmente, o sistema lingüístico para difundir uma mensagem de renovação, de progresso, de abundância, de lazer, de felicidade, de beleza, ao contrário do que fazem jornais – escritos ou televisivos – que apresentam o aspecto “nu e cru”, mesmo que modelados ideologicamente, da sociedade em que se vive.

Texto 5

9ª Escola Voluntária

Você e sua escola podem fazer muito pelo mundo. Porque cidadania não é dever de casa: é lição de vida.

Cidadania é um ciclo: tudo o que você faz em prol do outro volta também para você. Imagine, então, uma escola que faz, junto com seus alunos, ações voluntárias em benefício da comunidade. Essa é a ideia do Prêmio Escola Voluntária: reconhecer as escolas que apoiam alunos com grande vontade de melhorar o mundo. Se a sua escola tem um projeto social assim, participe.

Inscrições abertas.

Informações:
0800 770 11 55
www.escolavoluntaria.com.br

Itaú Social
Fundação Itaú

RB
RÁDIO BANDEIRANTES

A análise a seguir parte do texto apresentado na Revista *Nova Escola*, ano XXIV, número 222, abril de 2009, página 51. A linguagem não-verbal se dá através da imagem que vem centralizada na página, a cor de fundo é azul. Na parte superior, no lado esquerdo, aparece um círculo branco, com a imagem de um lápis no centro, escrito *9ª Escola Voluntária*. No texto ao lado do círculo consta: *Você e sua escola podem fazer muito pelo mundo. Porque cidadania não é dever de casa: é lição de vida.*

Logo abaixo apresenta-se um desenho de um globo terrestre com imagens em volta, as quais mostram: uma escola, um menino, casas, figuras de sinalização, árvores e crianças. Abaixo do desenho vem uma linha de separação branca e com fundo amarelo ouro. Em letras brancas está o texto: *Cidadania é um ciclo: tudo o que você faz em prol do outro volta também para você. Imagine, então, uma escola que faz, junto com seus alunos, ações voluntárias em benefício da comunidade. Essa é a ideia do Prêmio Escola Voluntária:*

reconhecer as escolas que apóiam alunos com grande vontade de melhorar o mundo. Se a sua escola tem um projeto social assim, participe.

A propaganda anuncia a 9ª Escola Voluntária e traz os nomes dos patrocinadores: Itaú e Rádio Bandeirantes.

Salientamos, entretanto que a construção das imagens enriquece e diversifica o contexto de comunicação, ao mesmo tempo que auxilia a leitura/interpretação de gênero. O enunciado a seguir deve mostrar essa relação bem como o sentido que a palavra *assim* estabelece.

Análise 5

No enunciado *Se a sua escola tem um projeto social assim, participe*, sob a perspectiva das gramáticas tradicional e normativa, pode-se afirmar que morfologicamente a palavra *assim* classifica-se como adjetivo, pois indica qualidade ao substantivo *projeto social* e sintaticamente a palavra *assim* tem função de advérbio (tem = verbo transitivo direto, um projeto social = objeto direto, *assim* remete à maneira como a escola faz o projeto social; portanto, é adjunto adverbial de modo).

De acordo com a gramática de usos, palavra *assim* se parece a advérbios, já que eles são qualificadores de uma ação, um processo ou um estado, isto é, modificam propriedades de verbos e adjetivos. Têm, pois, uma função correspondente à que tem os adjetivos qualificadores, em relação aos substantivos.

Devido à noção de língua que se considera neste estudo, a palavra *assim* demonstra referência à cidadania – é lição de vida e é voluntariado e, para participar do projeto Escola Voluntária é preciso ter esses princípios, principalmente desenvolver ações que comprovem esses princípios. Dessa forma, a palavra *assim* atribui referência ao substantivo, à cidadania: *Se a sua escola tem um projeto social que trabalhe a cidadania com os alunos, participe.*

A classificação da palavra não vem a ser o que buscamos neste trabalho e sim o sentido que ela carrega/constrói nesse texto publicitário, tendo presente que ele, pela seleção e organização do seu léxico e por outros recursos que a tecnologia lhe oferece, cria no outro a necessidade de ser, uma vez que a publicidade antes de mais nada é linguagem e, então, manipula “símbolos”, “imagens mentais” para mediar a distância entre o ser humano e objetos de desejo. Essa linguagem prima por um efeito de sentido que persuade, substituindo uma possível parcela de objetividade da informação pela total subjetividade da persuasão. Pensa-se que a função persuasiva no texto publicitário consiste em tentar mudar a atitude do receptor. Para isso, ao elaborar o texto, o publicitário leva em conta um receptor ideal da mensagem, ou

seja, um público para o qual a mensagem está sendo feita, a fim de fazê-lo mudar de atitude e não classes gramaticais determinadas.

Através dessa observação, é demonstrada a relação forma-sentido, relativa às escolhas sintagmáticas para atribuir referência a uma ideia. A palavra *assim* carrega as atribuições de sentido necessárias para o texto como um todo.

A imagem nessa propaganda é valorosa, porque confirma o conceito de cidadania expresso no texto. A ciranda proposta na figura do globo terrestre com várias imagens em volta mostra a noção de reciprocidade - dar para receber - citada no texto. Todas as imagens estão contextualizadas, por exemplo: crianças, árvores (relação com o meio ambiente), sinalização (conscientização de seus deveres), escola (lugar onde se deve trabalhar esses deveres), casa (referência à educação familiar).

Neste enunciado temos categoria de pessoa *eu* – publicitário e *tu* – leitor. Já a categoria não-pessoa aparece como o produto anunciado – a importância do trabalho voluntário.

As categorias de tempo e lugar referem-se ao aqui-agora – a escola deve reforçar os valores que devem vir de âmbito familiar, nesse caso o trabalho social – voluntariado.

Texto 6

UM SISTEMA DE ENSINO COM O MELHOR PORTAL EDUCACIONAL. ASSIM SE TRANSFORMA UM MUNICÍPIO.

SISTEMA DE ENSINO Aprende Brasil

Quando os alunos de uma cidade têm acesso aos benefícios do mundo digital, a educação melhora e o município se transforma. Com experiência de 37 anos em sala de aula, desenvolvemos uma metodologia que alia o melhor entre tecnologia e educação. É o Sistema de Ensino Aprende Brasil. Com ele, o aluno conta com livros didáticos interativos entre os quais e ao lado do conhecimento e tem à sua disposição a mais completa

portal educacional do país. O Sistema de Ensino Aprende Brasil também oferece cursos de formação continuada para os professores e um sistema de gestão para monitorar os indicadores educacionais do seu município. Com o Sistema de Ensino Aprende Brasil, você transmite valores em realidade e conecta seu município com o que está de mais avançada em educação.

www.editorapositivo.com.br/aprendebrasil • 0800 724 1516

EDITORA POSITIVO

Livro Integrado | Portal Aprende Brasil | Assessoria Pedagógica | Monitoramento de Resultados

A análise a seguir parte do texto apresentado na Revista *Nova Escola*, ano XXIV, número 224, agosto de 2009, página 14-15. A imagem de fundo uma parede de tom cinza em que está um quadro negro com desenhos e a foto de um menino com uma mochila nas costas

e giz na mão. Na página 14 o enunciado: *Um sistema de ensino com o melhor portal educacional. Assim se transforma um município.*

Logo abaixo, a cor de fundo é no tom verde claro e as palavras de cor branca, explicando o que é o portal educacional da editora Positivo. Na página 14, à esquerda: “Sistema de Ensino Aprende Brasil”, ao lado vem o texto: *Quando os alunos de uma cidade têm acesso aos benefícios do mundo digital, a educação melhora e o município se transforma. Com a experiência de 37 anos em sala de aula, desenvolvemos uma metodologia que alia o melhor entre tecnologia e educação. É o sistema de Ensino Aprende Brasil. Com ele, o aluno conta com livros didáticos integrados entre os anos e as áreas do conhecimento e tem à sua disposição o mais completo portal educacional do país....* e ao lado direito a logomarca da Editora Positivo.

Apresenta-se o estudo da palavra *assim* tendo em vista os conceitos discutidos. A análise deve mostrar os sentidos assumidos no contexto de enunciação desta publicidade.

Análise 6

Numa perspectiva teórica das gramáticas tradicional e normativa, pode-se afirmar que morfologicamente a palavra a palavra *assim* classifica-se como conjunção, e sintaticamente a palavra *assim* tem a função de conjunção, pois são palavras de conexão, que unem as partes do texto.

Bechara (2006) introduz a palavra *assim* também com a ideia de conector e transpositor, pois explica que a língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado.

De acordo com a Gramática de usos em Neves (1997), a palavra *assim* é citada como advérbios que operam conjunção de orações, ou seja, são advérbios juntivos, de valor anafórico, que ocorrem numa oração ou num sintagma, referindo-se a alguma porção da oração ou do sintagma anterior.

De acordo com Benveniste (1991), o terceiro nível de análise, que compreende a enunciação, apresenta a frase como unidade. Sendo a palavra uma unidade intermediária entre o segundo e o terceiro níveis – os da forma e os do sentido, ou semiótico e o semântico – reúne em si suas propriedades de natureza diversa: distintiva e referencial. Por isso, de acordo com Benveniste (1989), a palavra tem empregos porque seu sentido está sempre atrelado à ideia expressa dos sujeitos, ao *eu-tu-aqui-agora*.

Com isso, entende-se que a palavra *assim* na frase - *Assim se transforma um município*, atribui referência à melhoria da educação através do acesso ao mundo digital. É o

Sistema Positivo que sabe como fazer: *assim*. O sentido que ela carrega/constrói nesse texto publicitário observando que sua função é a de destacar um dizer que se distingue pelo reforço ao individualismo – o que interessa é a sua roupa, o seu carro, a sua casa, a sua saúde, sua escola, seu sistema de ensino – que neste caso é o Positivo que te dá vantagens e oportunidades que outros não dão. Para isso, usa de recursos e mecanismos lingüísticos possíveis de serem construídos pelo sistema da língua.

A palavra *assim* no enunciado é portadora do sentido de valorização, da necessidade de se ter acesso ao mundo digital, como forma de melhorar e transformar o ensino em qualquer município do país, através da aquisição do Portal Educacional. A palavra *assim* estabelece relação com o todo do texto, pois na sequência vem uma explicação dos benefícios do portal educacional, que é uma nova ferramenta disponibilizada para os sistemas de ensino. Através desta acepção, percebe-se que a palavra exerceu sua *função*, dada sua capacidade de integrar a frase, pois foi suficiente para a atribuição de referência na situação enunciativa abordada.

No que se refere à categoria pessoa *eu* – publicitário; *tu* – leitor; a não-pessoa o produto anunciado – o portal educacional oferecido pelo Sistema Positivo. Já a categoria de tempo e lugar nas expressões – melhor *tecnologia* da educação, em referência ao tempo da tecnologia, e o lugar - mais completo portal do *país*.

Texto 7



A análise a seguir enfoca o texto apresentado na capa da Revista *Veja*, ano 41, nº 5, fevereiro de 2008. A imagem mostrada é de uma mulher praticando musculação. O texto é:

Assim é demais? Saiba quando o exercício físico em excesso vira compulsão e prejudica a saúde. Abaixo, em letras menores, o nome da mulher, *Fátima Gantus, 48 anos e 8% de gordura corporal.* A cor de fundo da foto é branca e a mulher que está sentada segura com a mão direita uma barra de apoio para levantar peso que tem na mão esquerda. Verifica-se que a mulher está praticando a atividade física de forma adequada, pois a foto mostra a sua concentração, inclusive lembrando que se deve cuidar da respiração na hora da atividade física, bem como da postura.

Sabendo que a palavra é portadora de sentido que se atualiza a cada ato enunciativo, busca-se a sua significação no exemplo que segue.

Análise 7

Numa perspectiva das gramáticas tradicional e normativa, pode-se afirmar que morfologicamente a palavra *assim* classifica-se como adjetivo, e sintaticamente a palavra *assim* tem função de sujeito, uma vez que funciona como suporte de uma afirmação feita através do predicado.

De acordo com a gramática funcional e com o ponto de vista sintático, ou relacional, o advérbio *assim* é uma palavra periférica no discurso, que aqui está incidindo sobre todo o enunciado. Do ponto de vista sintático, ou relacional, o **advérbio** é uma palavra periférica, isto é, ele funciona como **satélite** de um núcleo (NEVES, 1997).

De acordo com Moura Neves (2000), o advérbio (ou locução adverbial) atua nas diversas camadas do enunciado, entre elas: verbos, pronomes, conjunções [...]. O advérbio é periférico em um sintagma, incidindo sobre o seu núcleo.

No enunciado *Assim é demais?* a palavra *assim* observada é adjetivo em relação à imagem da capa da revista, remetendo ao sentido de que a mulher está demais, realçando as características da mulher: bem malhada, bonita, bronzeada, forte, saudável. Enquanto que ao deter-se no texto como um todo, percebe-se que o sentido da palavra *assim* é de substantivo de acordo com a “realidade do enunciado”. *Assim é demais? Saiba quando o exercício físico em excesso vira compulsão e prejudica a saúde.* O enunciado *Assim é demais?* remete ao perigo da prática de atividade física em excesso. A compulsividade pela atividade física, neste caso, dá referência ao valor negativo da palavra “demais” no enunciado. A intensidade demasiada de exercícios físicos sem orientação pode desencadear um efeito contrário no organismo do homem.

Pontuou-se nesta discussão que frase, tem valor absoluto, pois é a materialização da ideia, é a expressão de referência, atribuição de um mundo de quem se manifesta *na* e *pela*

enunciação. Assim sendo, pode-se observar que a palavra *assim* exerceu sua função, atribuindo referência de sentido à intensidade, ao excesso que muitas pessoas, tanto homens quanto mulheres praticam em relação a atividades físicas, ao obedecer ao modelo de beleza ditado pela sociedade atual.

Com isso, evidencia-se que compreender o sentido de uma palavra é promover associações, reconstituir *possibilidades* de sentidos, distinções, memória de relações possíveis. Ora, fica claro na obra de Benveniste que o sentido está atrelado à frase, o signo passa a ter sentido integrado à frase, porque está na frase, assume então condição de palavra. Portanto, foi possível comprovar esses conceitos através da presente análise.

5 DISCUSSÃO DA ANÁLISE

Realizadas essas leituras, cabe uma breve retomada sobre o *sentido na enunciação*. Abordaram-se os termos atribuição de referência e sentido no decorrer do texto, diante disso ressaltam-se suas diferenças para que não haja a possibilidade de confundi-las. Para isso, convém lembrar que a determinação do sentido é dupla: através das relações sintagmáticas do signo-palavra e através das relações inter-sintagmáticas com outros signos-palavras para a constituição do sentido único e irrepitível, dito referência. Pode-se complementar essa explicação com a noção de *palavra na frase*, signo semantizado, que expressa sentido próprio à atribuição de referência devido à sintagmatização que lhe é imposta. O sentido está a serviço da atribuição de referência, e esta se vale do seu sentido, bem como do sentido das demais palavras. Isso é possível de verificar na análise do texto três: a atribuição de referência em a) *Anúncio de classificados assim é a primeira vez que você vê*, já que atribui referência à compra, não à venda do produto anunciado. E em b) *E um sedan com interior tão bonito e espaçoso assim, também*.

A palavra *assim* implica a ideia do sujeito em relação ao automóvel que expressa as suas qualidades. As implicações no texto do alto da página 62, em que o sujeito enuncia: *“Comprei o novo Voyage. E não vou vender de jeito nenhum. Afinal, ele é gostoso de dirigir, tem câmbio com engates muito precisos. I-System, volante com regulagem de altura e profundidade... peraí, por que eu estou falando tudo isso? Eu não vou vender mesmo”*, faz referência à satisfação do sujeito quanto às qualidades de seu automóvel e que também é a primeira vez que vê um sedan tão bonito e espaçoso.

Diante disso, pode-se definir a noção de sistema em Benveniste (1991), na qual se apoia esta reflexão. Sistema é forma e sentido. Assim definido não despreza a língua descrita em seus aspectos formais, mas também não se contenta com uma descrição assim caracterizada. É com essa perspectiva que Benveniste (1991) propôs a “ultrapassagem”, termo que sintetiza o avanço de estudos em relação aos conceitos saussureanos, para isso introduziu em sua concepção de língua critérios sintático-semânticos. Esses termos, em sua concepção de língua, são relativos ao sentido; é dessa forma que Benveniste mostra que a descrição se completa através das semelhanças indicadas pelo estudo da forma e as diferenças estabelecidas pelo sentido.

Após análise dos textos, ficou evidente que a descrição semiótica/semântica da palavra *assim* nos enunciados se constrói pautada na referência de sentido da palavra que passa a

significar no seu uso efetivo, já que seu sentido depende sempre da situação de enunciação. Pode-se perceber essa construção na análise do texto quatro: Na frase “*O Brasil precisa de mais gente assim*”, a palavra *assim* indica uma catáfora, é na sequência do texto que se possibilita um sentido referente ao estereótipo de pessoas de que o país precisa. A implicatura da palavra *assim* remete à imagem que neste texto é muito significativa, pois traz o perfil, a “imagem” de que tipo de estudante o Brasil precisa.

Observou-se, nas análises dos textos publicitários, que as diferentes abordagens gramaticais citadas levam a pensar na amplitude de um estudo linguístico. Mostra-se que língua possui uma estrutura e isso é incontestável pelas gramáticas mencionadas no presente estudo. Percebe-se, no entanto, que a gramática funcional enquadra-se na perspectiva enunciativa, pois além de categorizar a palavra *assim*, também menciona a possibilidade de categorizá-la a partir de seu uso no texto.

Por outro lado, na teoria enunciativa compreendeu-se a discussão sobre os signos “vazios” que se tornam “plenos” no momento em que o sujeito faz uso deles, nesse caso, funcionam como satélite de um núcleo. Isso se comprova na análise do texto sete, no enunciado *Assim é demais? A palavra assim* remete ao sujeito que é a mulher. A mulher é *demais*, realçando as características da mulher: bem malhada, bonita, bronzeada, forte, saudável. Enquanto que observando o texto como um todo, percebe-se que o sentido da palavra *assim* muda de sentido: *Assim é demais? Saiba quando o exercício físico em excesso vira compulsão e prejudica a saúde*. Depreende-se um sentido diferente do sugerido pela imagem. Agora percebemos que *Assim é demais?* remete ao perigo da prática de atividade física em excesso. A compulsividade pela beleza pode ser prejudicial à saúde.

Além disso, convém referenciar o texto em que Benveniste (1991) reflete sobre “forma e sentido”, um estudo que proporcionou um olhar específico ao objeto de análise - *corpus* - constituído pelos textos publicitários. É dele que se parte para o entendimento do processo de construção de sentido da palavra no enunciado. Considerou-se o estudo que mostra as conversões de categorias, sinalizando também a importância da consideração sintático-semântica, o que os estudos morfológicos não contemplam. Daí a pretensa unidade de classes, considerada nas gramáticas tradicionais, que vem a ser o objetivo geral deste estudo. Partindo das definições dadas, tanto pela gramática tradicional quanto pela gramática normativa, estabelece-se uma relação entre o que dizem as referidas gramáticas sobre a palavra *assim* e o seu uso, através da observação sobre o efeito de sentido construído pela palavra *assim* em textos publicitários.

Vale lembrar que Benveniste dá continuidade à proposta de Saussure, porém sob novo direcionamento. Atente-se para duas questões: a primeira diz respeito à noção de forma como capacidade de dissociação; a segunda é noção de sentido como forma de integração. Assim definidas essas noções, retomam a Saussure – signo, a condição de forma, e a Benveniste (1991) – frase, a condição de forma e sentido. Devido a essas noções, nem sempre é possível categorizar as palavras dentro do “enquadramento” do fenômeno da língua. Porque, de acordo com Benveniste (1991), a língua é um todo, pode-se, dessa forma, fazer referência ao conceito “todo o enunciado é um ato individual, sempre único, irrepetível”. Exemplo disso é o texto de análise seis: *Um sistema de ensino com o melhor portal educacional. Assim se transforma um município*. Podemos perceber de acordo com gramática de usos que a palavra *assim* é portadora de um valor semântico da categoria dos advérbios juntivos, indicando relação semântica entre o segmento que ocorre e o segmento anterior.

Considera-se que sentido e sintaxe são noções indissociáveis, tanto em Saussure como em Benveniste. Para Saussure, sintaxe é forma resultante das inter-relações que se dão no espaço, visando à significação; enquanto para Benveniste, a sintaxe é materialização de uma ideia, em que as palavras exprimem sentido próprio à ideia, no enunciado. Sendo assim, o sentido também pode constituir forma, referência singular que se pluraliza, ao coletivar-se distingue. Isso se constata na análise do segundo texto na frase *Você é assim, [...]* que remete à categoria de adjetivo, pois estão implícitas todas as qualidades descritas no enunciado como um todo. Dessa forma, observa-se que não vem ao encontro da análise gramatical na perspectiva tradicional da referida frase, que apresenta a seguinte classificação: Em “Você é *assim*”, a palavra *assim* morfologicamente consta na categoria de advérbio (advérbio de modo, você é assim, desse jeito), enquanto sintaticamente é predicativo do sujeito, pois atribui qualidade ao sujeito.

Diante das observações, pode-se afirmar que a noção de sintaxe da enunciação – um sentido constrange uma sintaxe – ocorre porque integra forma e sentido, língua e discurso, constituindo a enunciação *eu – tu - aqui – agora*. Além disso, o mecanismo de transposição ocorre em determinados momentos, dependendo do ato de utilização da língua, da atribuição de referência – sentido – da palavra na frase.

Portanto, pode-se afirmar que a gramática é relevante, porque dá o conhecimento de ordem, de categorias, de estrutura. Não se pode descartá-la ou negar-lhe valor, mas, em determinados momentos, o sentido constrange uma sintaxe, bem como afirmara Benveniste (1991). Para isso, utiliza-se a noção de dupla sintaxe, a qual mobiliza uma dupla definição de língua, uma dupla unidade e uma dupla definição de sentido. Se, de acordo com Saussure, na

língua enquanto sistema de signos, um signo é o que o outro não é, na língua enquanto comunicação intersubjetiva, um signo-palavra só é porque o outro signo é. Daí a concomitância da língua, língua – discurso o qual constitui um todo: a linguagem – que não permite somente nomear, criar, transformar o universo real, ou seja, comunicar, mas também possibilita trocar experiências, nas quais o homem se constitui.

Ressaltamos a pertinência das análises realizadas, na medida em que elas priorizam a análise do sentido na linguagem em uso. Sabemos que a atividade voltada para a descrição do funcionamento da língua, de forma isolada, não contribui para o desenvolvimento das habilidades de uso da língua. A classificação sintática por ela mesma não leva a nada. Não é através de atividades de catalogação de entidades, de classificação de palavras e de reconhecimento de suas funções na frase que alguém será capaz de usar a língua de forma eficiente e crítica nas diversas situações discursivas e, principalmente, não será capaz de reconhecer as nuances do uso da língua nas suas mais diversas possibilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da palavra *assim* em diferentes contextos provocou a reflexão na sua análise que ia além das proposições das gramáticas tradicionais, uma vez que a construção de seu sentido requer que se recorra ao contexto de sua enunciação. Esse aspecto não é considerado nas gramáticas tradicionais que, na maioria dos casos, são referência para os estudos e análises linguísticas em contextos escolares.

Após leituras realizadas sobre a apresentação da palavra *assim* em gramáticas, partiu-se para os textos teóricos de Émile Benveniste. Para tal, perpassou-se um caminho traçado para estabelecer uma melhor compreensão da respectiva teoria. Dessa forma, entendeu-se o conceito de linguagem, de língua e seguiu-se para os níveis de análise linguística, buscando subsídios em *O aparelho formal da enunciação*. Foram abordadas as Relações Sintáticas – forma e uso, a sintaxe enunciativa, chegando à relação forma – sentido que possibilitou o entendimento de como se dão os mecanismos de transposição. Isso se deu após detalhada leitura dos artigos apresentados em Problemas de Linguística Geral I e Problemas de Linguística Geral II de Émile Benveniste, que têm como objeto de estudo a enunciação.

Para que se evoque a Linguística da Enunciação, parte-se de seu princípio, a noção de intersubjetividade que está diretamente ligada à linguagem. De acordo com Benveniste, ao tomar a palavra, o locutor se constitui sujeito. Nessa constituição está implicada a constituição do alocutário, pois é impossível dissociar *eu-tu*. Ao desencadear a enunciação através do próprio ato, suscita-se um novo enunciado, este processo se dá concomitantemente: intersubjetividade pela tomada da palavra; intersubjetividade pela palavra em si, que busca outra palavra, outro dizer. Dessa forma, o dizer pressupõe relações associativas e relações constitutivas, é adentrando na língua de modo que ela indique o que é compatível dizer.

Sob essa ótica, pôde-se verificar em *Os níveis de análise linguística* que o paradigma proposto por Saussure é reinterpretado. Então, tomou-se um novo direcionamento: do signo à frase, já que o signo é forma e frase é sentido. Considerando que frase é forma e sentido – a significação do signo e a significação *da* e *na* situação enunciativa, é na frase que a dupla interpretância da língua se manifesta.

Por tal consideração vale pontuar que a língua não é um simples alinhamento horizontal e vertical. Ao ser tomada uma palavra é desencadeado o seguinte processo: apropriação, atualização, sintagmatização e semantização. Materializada a enunciação em enunciado, para que haja uma resposta, é preciso que a situação enunciativa seja interpretada.

Para que a língua seja interpretada por quem a utiliza, é necessário que ela signifique ao “mundo” relativo a *eu-tu-aqui-agora* que se revela no enunciado.

É válido ressaltar que a linguística da enunciação não toma para si a tarefa de elaborar uma gramática de forma, pois o objeto de análise nessa concepção é a enunciação. A enunciação é um acontecimento irrepitível, porque são irrepitíveis as condições de tempo, espaço e pessoa de cada enunciação, o que não impede de pensar que a enunciação tem uma gramática. Então, o que é gramática em um estudo enunciativo?

A gramática sob essa ótica é concebida pela *semantização*, ou seja, a gramática de uma língua, do ponto de vista enunciativo, é tratar os aspectos envolvidos no seu uso em dada situação como se constatou nas análises. É a passagem da língua para o discurso.

Além disso, evidenciou-se que língua-discurso é a atividade do sujeito que coloca a língua em uso. Ao fazer referência a uso, assinala-se que na enunciação todo mecanismo linguístico integra seu próprio sentido e que se autorreferencia ao ato produzido. Dessa forma, pode-se afirmar que o núcleo da teoria da enunciação é o *sentido*. Portanto, estudar a linguagem sob esse prisma é estudá-la do ponto de vista semântico, em que todos os níveis da análise linguística (morfologia, sintaxe, fonologia, etc....) estão submetidos ao sentido.

Uma das maiores dificuldades encontradas para a realização desse estudo foi a de aplicar essa nova perspectiva de ver a gramática, uma vez que ao longo da escolaridade básica, bem como no curso superior e nas formações docentes, na grande maioria, desconsidera-se a funcionalidade da palavra. Trata-se de num aspecto meramente classificatório.

Portanto, considera-se que este trabalho pode oportunizar a reflexão de modo a possibilitar uma abordagem discursiva no ensino da língua portuguesa. Por isso, mostra-se consistente, pois parte da tarefa de pensar o que é língua, e também enfatiza a questão referente ao uso, como deve ser a língua. Essa afirmação vem ao encontro da proposta de Benveniste, a qual permite que sempre se façam novas leituras a cada enunciação. Não se trata aqui de como se deve ensinar a gramática na escola, mas sim propor uma nova possibilidade de pensar a gramática.

Sob esta perspectiva, poderiam ser ditas e exploradas mais questões, mas o objetivo principal foi propor uma reflexão nas classificações que a gramática tradicional faz e que nem sempre dão conta do que o discurso produz.

REFERÊNCIAS

- AUMONT, Jacques. *A imagem*. Trad. De Estela dos Santos Abreu e Cláudio Santoro. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- _____. Da subjetividade na linguagem. In *Problemas de Lingüística Geral I*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- FIORIN, José Luiz. (org). *Introdução à Lingüística II: princípios de análise*. Rio de Janeiro: Contexto, 2004.
- FIORIN, José Luiz. (org). *Introdução à Lingüística I. Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2007.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Lingüística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- _____. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Lingüística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FLORES, Valdir; BARBISAN, Leci Borges; FINATTO, Maria José Bocorny; TEIXEIRA, Marlene. (Orgs.). *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- GONÇALVEZ, Elizabeth Moraes. *Propaganda & linguagem: análise e evolução*. Elisabeth Maria Gonçalves. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.
- GOMES, Maria Carmen Aires. O texto publicitário na sala de aula. In: LEFFA, Wilson & PEREIRA, Aracy (orgs.). *O ensino da Leitura e Produção Textual*. Pelotas: Educat, 1999.
- HENGEVELD, K. The architecture of a functional discourse grammar. *9th Internacional Functional Grammar Conference*, 20-23 September, 2000. Madrid.

LICHTENBERG, Sônia. *Sintaxe da enunciação: Noção Mediadora para reconhecimento de uma linguística da enunciação*. Porto Alegre, 2006. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006).

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2004.

REVISTA ISTO É. Edição número 2034 de Outubro de 2008, ano 31, páginas 54, 55, 62,63.

REVISTA ISTO É. Edição número 2040 de Dezembro de 2008, ano 31, página 67.

REVISTA NOVA ESCOLA. Edição número 211 de Abril de 2008, ano XXIII, página 19.

REVISTA NOVA ESCOLA. Edição número 222 de Abril de 2008, ano XXIV, página 51.

REVISTA NOVA ESCOLA. Edição número 224 de Agosto de 2008, ano XXIV, páginas 14,15.

REVISTA VEJA. Edição número 5 de Fevereiro de 2008, ano 41.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. 1915-1991. *Gramática normativa da língua portuguesa*; prefácio de Serafim da Silva Neto. 38. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1969.

_____. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, Silvana. *Enunciação e Sintaxe: uma abordagem das preposições do português*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004).

TOLDO, Claudia Stumpf (org.). *Questões Lingüísticas*. Passo Fundo: UPF, 2003. (Série Jornadas)

VESTERGAARD, Torben; SCHRODER, Kim. *A linguagem da propaganda*. (tradução João Alves dos Santos; tradução dos textos publicitários Gilson César Cardoso de Souza). 3 ed. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

ANEXOS

SILVANA APARECIDA CALEGARI

**UM ESTUDO ENUNCIATIVO DA PALAVRA *ASSIM*
EM TEXTOS PUBLICITÁRIOS**

Passo Fundo, RS

2010